

RACHAS DA EXTREMA-DIREITA BRASILEIRA

*As guerras sectárias das
subculturas digitais e a
fratura na família Bolsonaro*

AGOSTO DE 2026



SUMÁRIO

Sumário executivo	3
Raio-X das subculturas de extrema-direita	5
1. Bolsonarismo: a extrema-direita ultrafiel	5
2. Partido Missão: “isentões” e a “new left”	7
3. A extrema-direita “intergaláctica”	8
Histórico das brigas na família Bolsonaro	10
Jair × Eduardo e os prints de WhatsApp vazados	11
A condenação e o estopim no Ceará	11
O que está em disputa: 2026 e 2030	12
As redes de menções de Michelle, Flávio, Carlos e Eduardo	13
Os 50 perfis que cada Bolsonaro mais menciona	14
Narrativas do racha nas redes	19
Candidatura de Flávio	19
A crítica a Flávio e a defesa de candidaturas alternativas: Zema, Caiado e Tarcísio	20
A defesa de Flávio e a “redução de danos”	21
Michelle × Flávio	22
A defesa de Michelle	24
Eduardismo	24
O embate Eduardo × Nikolas	27
O fator evangélico: Malafaia e a disputa pela “herança”	28
A extrema-direita reflete sobre o racha: a disputa pela “união”	29
Conclusões	30

SUMÁRIO EXECUTIVO

A categoria “extrema-direita”, no Brasil contemporâneo, não designa um bloco coeso, mas um campo político-midiático internamente fragmentado. Sob o rótulo unificador do “bolsonarismo” convivem subculturas com genealogias, valores e estéticas distintas, cuja unidade se sustenta menos em um projeto programático comum do que no antagonismo contra o PT. A hipótese que organiza este relatório é a de que os rachas em curso na família Bolsonaro, em particular o embate público entre Michelle e Flávio e a disputa em torno de quem herdará seu imenso capital eleitoral, constituem a reencenação, no topo do clã, da mesma dinâmica de guerras sectárias que estrutura o campo desde 2018, marcada pela difamação recíproca, depuração de “traidores” e disputa por autenticidade e por protagonismo.

Este relatório foi elaborado a partir de três fontes. A primeira é o arcabouço conceitual das subculturas de extrema-direita e de seus vernáculos profundos, atualizado a partir do Capítulo 3 do livro *As Vanguardas da Intervenção* (Alves, 2026). A segunda é a cronologia da fratura familiar, reconstruída a partir de cobertura jornalística identificada nos boletins especiais sobre o debate digital e painéis qualitativos promovidos pelo **Instituto Democracia em Xequê** (1, 2, 3, 4, 5, 6). A terceira, desenvolvida especialmente para este relatório, é uma análise empírica das redes sociais desde outubro de 2025, que mapeia volume, engajamento, atores e redes de menção em torno de três frentes de conflito: o “eduardismo” (a hipótese de uma candidatura de Eduardo à Presidência), o embate Michelle x Flávio e a candidatura de Flávio.

Os dados foram coletados entre outubro de 2025 e julho de 2026 em Twitter, Youtube e Instagram.

O relatório tem três observações centrais:

- 1** o líder (Jair) sempre funcionou como árbitro dessas disputas. Com Bolsonaro interditado (preso e inelegível), o posto de representante e mediador fica vago.
- 2** a partir deste vácuo, o campo se organiza por disputa de protagonismo e de espólio, não por coesão programática, em duas dimensões: uma político-eleitoral, pelos votos de Jair; outro midiático-digital, pelo controle da audiência online do bolsonarismo; e
- 3** a acusação de traição/inautenticidade é a arma política central na organização dessa disputa. Durante anos, essas disputas tiveram o caráter de “conflito encenado” como uma técnica de manipulação da economia da atenção; as tretas eram públicas e os acordos ocorriam em ambientes privados. No entanto, a continuidade desse padrão depois da inelegibilidade de Bolsonaro aponta para um aumento nos custos da coesão da rede, que se torna cada vez mais contingente e enfraquecida.

Por isso, a fratura entre Michelle e Flávio escancara controvérsias e tretas que só eram conhecidas entre as subculturas de extrema-direita e observadores mais detidos desses fenômenos.

O conflito não se organiza de forma bipolar, mas em quatro campos que se sobrepõem parcialmente e que trocam de posição conforme o tema em pauta e a prioridade da dimensão de poder em disputa (votos ou audiência). O primeiro é o dos bolsonaristas, articulados em torno da candidatura de Flávio (o “22”), que reúne Flávio e Carlos Bolsonaro, o PL de Valdemar e parlamentares aliados. Aceitam alianças com o Centrão, atacam os “intergalácticos” e as candidaturas alternativas e patrulham a lealdade a Flávio.

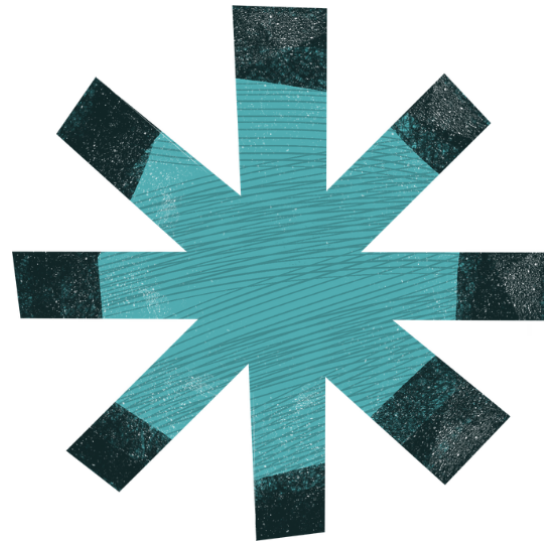
O segundo campo é o dos eduardistas, centrado em Eduardo Bolsonaro, que dos Estados Unidos sustenta a pauta das sanções (Magnitsky) e da anistia; e influenciadores como Paulo Figueiredo, Allan dos Santos, Kim Paim. Aliado formal de Flávio, opera como polo dotado de projeto próprio, já que foi quem abriu o embate com Nikolas Ferreira e rejeitou a hipótese Tarcísio. Se caracterizam por uma afinidade e aproximação de setores extremistas estadunidenses, desde o movimento Make America Great Again (MAGA) ao radical estrategista trumpista, Steve Bannon. Destes, tentam importar ao Brasil agendas como a definição de narcoterrorismo para as facções criminosas, abrindo a porta para ingerência militar no Brasil, ou questionamentos a agendas de paridade de gênero, com [defesa de “voto familiar” e questionamento do sufrágio às mulheres](#).

O terceiro é o dos intergalácticos, ou direita neocon e herdeira do lavajatismo, composta por Nikolas Ferreira, Ricardo Salles, Luiz Philippe de Orleans e Bragança, Marcel van Hattem, o partido Novo (com Zema e Caiado como presidenciáveis), Rodrigo Constantino e Gustavo Gayer, de perfil purista e anti-Centrão, que cobra coerência programática, critica Flávio a propósito do caso Vorcaro e flerta com as candidaturas de Zema e Caiado. Não estão a favor de agendas retrógradas como o fim do voto feminino mas defendem pautas de costumes e valores morais conservadores e negacionismo climático. Também são negacionistas da tentativa de golpe do 8 de janeiro.,

O quarto, por fim, se aproxima da agenda nacionalista-cristã e gravita em torno de Michelle e do PL Mulher, com Damares Alves como principal voz e uma base de perfil feminino e evangélico, cabendo a Bia Kicis o papel de ponte com o campo de Flávio. A ofensiva contra Michelle, “birra”, “traição” e o vídeo como autogolpe.

A hipótese que organiza este relatório é a de que os rachas em curso na família Bolsonaro constituem a reencenação, no topo do clã, da mesma dinâmica de guerras sectárias que estrutura o campo desde 2018, marcada pela difamação recíproca, depuração de “traidores” e disputa por autenticidade e por protagonismo.

RAIO-X DAS SUBCULTURAS DE EXTREMA-DIREITA



A imagem de um “bolsonarismo” homogêneo é analiticamente enganosa. O campo ideológico que chegou ao poder em 2018 é uma rede político-midiática formada por vertentes distintas que se unem sobretudo no antagonismo ao PT e às pautas progressistas. As várias identidades políticas que compõem esse grupo mais amplo foram aglutinadas pelo antagonismo contra o PT e pela liderança carismática de Jair Bolsonaro.

Mesmo durante seu governo, as correntes de militares, liberais e olavistas disputavam espaço e poder para realizar indicações para cargos. Depois que o ex-presidente foi condenado, preso e tornado inelegível, essas disputas se intensificaram e abriram uma possibilidade de contestação da liderança da família no bloco de extrema-direita. Isso se tornou visível nas redes sociais a partir de brigas públicas no seio e no entorno do clã Bolsonaro.

Como o bolsonarismo não se organiza em uma estrutura partidária burocrática, essas correntes se estruturam a partir do capital midiático digital. Nesse sentido, não se formam como tendências de partidos, mas como subculturas políticas que compartilham identidades, valores, práticas e símbolos.

Essas comunidades constroem símbolos, categorias e termos — memes, léxicos e “apitos de cachorro” que isolam quem não domina os códigos — e operam por controvérsias encenadas, ou seja, campanhas de difamação e reagregação dirigidas não só contra a esquerda, mas contra células adversárias da própria extrema-direita e direita.

Quatro subculturas concentram o protagonismo e os atritos do campo da extrema-direita digital.

1. Bolsonarismo: a extrema-direita ultrafiel

O centro da extrema-direita é ocupado pelo bolsonarismo, uma formação de identidade política e comportamento eleitoral que é caracterizada pela ascensão de Jair Bolsonaro como liderança das direitas e adversário do PT. O que se caracteriza aqui como bolsonarismo não é necessariamente o voto útil na família, mas uma adesão personalista e messiânica à figura de Jair como liderança a ser seguida. Nesse sentido, trata-se de um núcleo duro que não dá espaço para críticas e se alinha rapidamente para conter adversários e construir narrativas para defender as ações de Jair. Funcionam como uma patrulha que promove a defesa cega do patriarca e de seus filhos Flávio, Carlos e Eduardo.

Há muitos representantes do bolsonarismo nas redes sociais. De especial, esse relatório enfatiza o movimento que se autointituiu “bolsonarismo ultrafiel”. São subculturas anônimas especializadas em travar batalhas comunicacionais contra alvos do próprio campo. A “Direita Zóio Verde (ZV)”, conhecidos como perfis falsos com a estética dos olhos lançando raios verdes, nasceu em junho de 2020 como ala “ultra fiel” a Bolsonaro, com a missão de difamar dissidências internas.



ESTÉTICA DA DIREITA ZV PARA A IDENTIFICAÇÃO DOS ALIADOS

Como a disputa discursiva é um traço definidor da extrema direita nacional, o bolsonarismo realiza diversas operações de influência para traçar as linhas entre os “adeptos” e os “traidores”, a fim de direcionar quem são os representantes que devem ser confiados e quem deve ser defenestrado. A Direita ZV é ponta de lança dessas “guerras internas”, realizando dossiês contra figuras do próprio campo, mas que eventualmente manifestam críticas contra o bolsonarismo. Por exemplo, a conta @Bolsochampion abria as campanhas com longas *threads*-dossiê contra figuras percebidas como traidoras, Abraham Weintraub e Ricardo Salles, mas não poupou nem aqueles considerados aliados de primeira ordem do clã, como Allan dos Santos e, Paulo Figueiredo, que tiveram sua lealdade posta em xeque.



PUBLICAÇÃO DA DIREITA ZV LISTANDO OS “TRAIDORES” DO BOLSONARISMO

Dessa subcultura vêm termos como “direita burra” (DB), nascida de uma fala de Bolsonaro em 2020, como acusação de fragmentação irracional da base, e “direita inteligente”, que legitima os acordos pragmáticos do líder com o Centrão.

2. Partido Missão: “isentões” e a “new left”

Embora tenha apoiado a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, o Movimento Brasil Livre (MBL) passou a articular uma “oposição de direita” desde o primeiro ano de mandato. O MBL rompeu com o bolsonarismo a fim de disputar a hegemonia do campo e o controle das redes sociais. Desde então, Renan Santos, Arthur do Val, e Kim Kataguiri, além de influenciadores e celebridades próximas, como Danilo Gentili e André Moura passaram a ser classificados como traidores pelo bolsonarismo e se armou uma longa guerra contra o MBL. Esse movimento se organizou institucionalmente no Partido Missão, com o lançamento de Renan Santos à presidência e a principal contestação da hegemonia bolsonarista dentro do campo ideológico.

Diferentemente de outros atores que disputam a hegemonia do campo de forma ambivalente, o Partido Missão liderava um movimento frontalmente contrário ao bolsonarismo. Isso gerou a reação contundente do clã familiar, que tentou expurgar o MBL e suas lideranças do terreno político e digital.

Os bolsonaristas passaram a chamá-los de “leftlibs”, “isentões” e “new left”, isto é, antipetistas que, por manterem independência do governo, seriam uma “nova forma de esquerda”. No entanto, Kim, Renan e outros não sofreram o mesmo efeito rebote de Joice Hasselmann e Alexandre Frota, ex-apoiadores que perderam todos os votos ao se voltar contra o bolsonarismo. Nesse sentido, destacam-se por sua organização política ao redor do MBL e pelo domínio na linguagem das redes e das subculturas e símbolos da extrema-direita nacional, configurando-se uma rivalidade perene contra o bolsonarismo.

Se declaram como “direita do terceiro milênio” ou “direita tecno-otimista”, articulando, por um lado, uma agenda neoliberal (identificada sobretudo na atuação parlamentar de Kataguiri) e, por outro, uma [miscelânea de ideologias de extrema-direita](#), desde o anarcocapitalismo, passando por reivindicações nacionalistas e cristãs, com apelos a violência, ao direito penal do inimigo, chegando a elementos tecnofascistas, tradicionalistas, iluminismo sombrio e anti-democráticos, com direito ao questionamentos do sufrágio universal e defesa da “gradação da cidadania”.

Enaltecem figuras como Nagib Bukele, o blogueiro reacionário americano Curtis Yarvint, uma personalidade de extrema-direita conhecida por seus ensaios e por sua influência na machosfera e apresentam propostas polêmicas e populistas, como intervenção no estado do Maranhão.



MEME CIRCULADO NO BOLSONARISMO
CLASSIFICANDO O MBL COMO O NOVO PSDB

3. A extrema-direita “intergaláctica”

As tentativas de constituir uma “direita sem o bolsonarismo”, como a descrita acima, ganharam, nos últimos anos, um novo expoente que sintetiza uma clivagem semelhante, conhecidos nas redes como os “intergalácticos”. O termo foi cunhado e popularizado pelo próprio Jair Bolsonaro¹ em novembro de 2024 como uma alcunha depreciativa para se proteger de críticas contra da aliança feita com o Centrão durante o seu governo. Nesse sentido, o bolsonarismo tenta se apresentar como uma direita “pragmática” que busca a governabilidade, contra uma ala “idealista” e “purista” que trata da política em termos teóricos.

Embora esse termo tenha surgido nesse contexto, passou a ser aplicado à figuras que articulam opções de extrema-direita por fora do bolsonarismo e que não são do MBL. Principalmente, refletiu os movimentos de Nikolas Ferreira e outras figuras em apoio à candidatura de Pablo Marçal à prefeitura de São Paulo em 2024, antecipando futuras rupturas institucionais. O termo também visa impedir ou acossar uma migração de alas da direita para o partido Novo.

São rotulados de intergalácticos os quadros da direita neocon que articula alianças políticas contrárias às decisões do clã Bolsonaro, entre eles, Nikolas Ferreira, Ricardo Salles, Luiz Philippe de Orleans e Bragança, Pablo Marçal e o partido Novo. A clivagem estourou nas negociações pelas presidências da Câmara e do Senado, quando parte da direita apoiou Hugo Motta e Davi Alcolumbre; os chamados de “intergalácticos” defendiam candidaturas próprias, sem concessões ao Centrão, e priorizavam a anistia do 8 de Janeiro.



MEME DOS INTERGALÁCTICOS



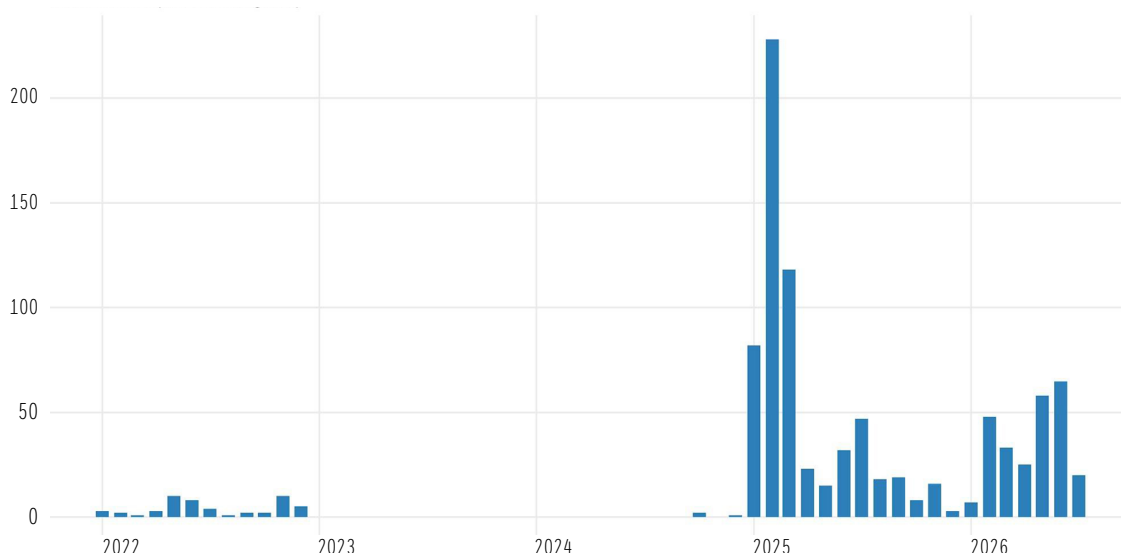
O MOVIMENTO POR UMA “DIREITA SEM BOLSONARO”

¹ Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/intergalacticos-x-pragmaticos-entenda-a-disputa-no-bolsonarismo>

No banco de dados do Instituto Democracia em Xequê, o termo é quase inexistente até 2024, antes disso, “intergaláctico” aparece só no sentido literal (ficção científica, ETs, cultura pop), e aumenta em fevereiro de 2025 (228 publicações no mês), na eleição das mesas diretoras, ressurgindo em maio-junho de 2026 com o racha da candidatura de Flávio. São 785 publicações na categoria “Direita” no período.

Uso do termo “intergaláctico(s)” nas redes

Volume mensal (todas as categorias)



Fonte: banco congresso_nas_redes

O termo é utilizado sobretudo pela ala pró-Bolsonaro para ridicularizar os adversários velados, o maior emissor é Kim Paim (ex.: “o partido NOVO e os intergalácticos garantiram que comissões não servem pra nada”, [Twitter](#)), e sua autoria é atribuída a Bolsonaro (“Senado forte em 2026, intergalácticos e a realidade”, RT de @jairbolsonaro, [Twitter](#); “como diria Bolsonaro, ‘intergaláctico’, traidor”, [Instagram](#)).

Carlos Bolsonaro o conecta explicitamente ao vernáculo anterior dos “isentões” (“os tais intergalácticos e ‘isentões’...”, [Twitter](#)) e acusa a “direita intergaláctica” de “atirar para desgastar Jair Bolsonaro” ([Twitter](#)), isso é sinal de que a mesma gramática de depuração descrita nas seções anteriores (isentões, “direita burra”) apenas trocou de rótulo.

Como é típico desses vernáculos ambivalentes, parte dos rotulados assumiu o termo com orgulho. Ricardo Salles reivindicou-o para a “direita liberal e conservadora” anti-Centrão e, em setembro de 2025, chegou a dar as “boas-vindas” a Eduardo Bolsonaro ao “mundo dos intergalácticos” ([Instagram](#)). Para o bolsonarismo, Flávio representa o polo pragmático (que faz alianças com o Centrão), enquanto a ala intergaláctica (Novo, Salles, Constantino) cobra pureza e flerta com candidaturas alternativas (Zema, Caiado).

HISTÓRICO DAS BRIGAS NA FAMÍLIA BOLSONARO

A relação entre Michelle e os filhos de Jair sempre foi de desconfiança. O projeto político de Bolsonaro foi concebido como familiar, com Flávio, [Carlos](#) e Eduardo preparados para exercer mandatos sob as ordens do pai. Michelle, terceira esposa e um ano mais nova que Flávio, foi vista pelos enteados como alguém que “chegou depois” e ameaçou o lugar de herdeiros políticos. Os sinais públicos remontam mesmo à presença de [Carlos no Rolls-Royce](#) da posse de 2019); o [conflito agudo com Carlos](#), que teria sido proibido de entrar no Alvorada, [comprometendo a preparação de Jair para o último debate de 2022](#); as [queixas de Jair Renan](#), entre outros episódios. Não é a primeira vez que Jair opta pela “herança consanguínea” contra a esposa, que nos anos 1990, colocou o filho [Carlos para concorrer contra a própria mãe](#), Rogéria, na eleição para a Câmara de Vereadores no Rio de Janeiro.

Não é a primeira vez que Jair opta pela “herança consanguínea” contra a esposa, que nos anos 1990, colocou o filho Carlos para concorrer contra a própria mãe, Rogéria, na eleição para a Câmara de Vereadores no Rio de Janeiro.



JAIR x EDUARDO E OS PRINTS DE WHATSAPP VAZADOS



A fratura não poupou sequer a relação entre Jair e o filho Eduardo. Em 15 de julho de 2025, numa [entrevista ao Poder360](#), o ex-presidente minimizou o embate de Eduardo com Tarcísio e questionou publicamente a “maturidade” do filho que, autoexilado nos Estados Unidos, articulava sanções contra ministros do STF e temia que as falas do pai minassem sua posição no exterior. A reação de Eduardo, por mensagens de WhatsApp, foi de xingamentos diretos ao pai: [“VTNC seu ingrato do caralho! Me fudendo aqui!”](#) e [“Se o IMATURO do seu filho de 40 anos não puder encontrar com os caras aqui, porque você me joga pra baixo \(...\) quem vai se fuder é você. Tenha responsabilidade.”](#)²

As trocas são datadas entre 13 de junho e 17 de julho de 2025 e só vieram a público quando foram anexadas ao relatório final da Polícia Federal, divulgado em 20 de agosto de 2025, no âmbito da investigação sobre a atuação de Eduardo no exterior. Elas expõem um raro vislumbre dos rachas no interior da família: após as queixas, Bolsonaro fez um pronunciamento mais favorável a Eduardo, e o deputado então recuou: [“peguei pesado \(...\) estava puto na hora”](#).

Reproduzindo o mesmo padrão de ofensa, desculpas, trégua que marcaria, meses depois, o episódio Michelle contra Flávio. Eduardo classificou a divulgação como *“lamentável e vergonhosa”*.

A condenação e o estopim no Ceará

O quadro se agravou no final do ano. Com Bolsonaro condenado (setembro de 2025) e a pena transitada em julgado (novembro de 2025)³, Michelle passa a ser testada como opção presidencial; o Datafolha de agosto de 2025 chegou a mostrá-la mais competitiva contra Lula do que os filhos. Muitas lideranças de oposição ventilam a hipótese de uma chapa Tarcísio de Freitas e Michele Bolsonaro. Ainda assim, Jair opta por Flávio, frustrando o plano de uma chapa alternativa.

2 As mensagens constam do relatório final da Polícia Federal, anexado ao inquérito e divulgado em 20/08/2025. Ver [“O que dizem as mensagens e áudios do relatório da PF”](#) (Gazeta do Povo, 21/08/2025); [“Eduardo Bolsonaro xingou o pai em mensagens, aponta relatório da PF”](#) (CNN Brasil); [“Bolsonaro questionou ‘maturidade’ de Eduardo, diz Poder360”](#) (Poder360, 15/07/2025). Eduardo confirmou a autenticidade das trocas e as classificou como divulgação *“lamentável e vergonhosa”*.

3 Jair Bolsonaro cumpre pena em prisão domiciliar em Brasília desde março de 2026 (medida prorrogada por Alexandre de Moraes em 3 de julho de 2026), após condenação a 27 anos e 3 meses por tentativa de golpe de Estado; a pena transitou em julgado em 25/11/2025. Ver [Agência Brasil](#) e [Poder360](#).

O estopim veio do Ceará. Em novembro e dezembro de 2025, o diretório estadual do PL, liderado por André Fernandes, articulou [apoio a uma candidatura de Ciro Gomes](#) (então no PSDB) ao governo, com o aval de Jair. No lançamento da pré-candidatura de Eduardo Girão, [Michelle se posicionou publicamente contra](#) a aliança, lembrando que Ciro fora “o principal responsável” pela inelegibilidade de seu marido e o chamou de “ladrão de galinhas”, “corrupto” e “jumento”⁴. Flávio reagiu chamando a madrastra de “autoritária” e “constrangedora”; Eduardo classificou a posição dela como “injusta e desrespeitosa”. Desde então, Michelle e Flávio praticamente não se falaram.

A candidatura de Flávio à Presidência foi [consolidada em dezembro de 2025](#), encerrando qualquer chance de Tarcísio disputar o Planalto (que passou a mirar a reeleição em São Paulo)⁵.

Em 2026, estourou o [escândalo Vorcaro / “Dark Horse”](#) com áudios e mensagens divulgados pelo *Intercept Brasil* (maio-junho de 2026), que revelaram que Flávio cobrou de Daniel Vorcaro — controlador do Banco Master, preso pela PF por fraudes bilionárias, — a prioridade no financiamento do filme sobre Jair, *Dark Horse* (“O Azarão”), orçado em R\$ 134 milhões (R\$ 61 milhões já pagos)⁶. O que seria uma propaganda de campanha virou o epicentro de um enorme escândalo, enfraquecendo a pré-candidatura e tensionando a relação com o Centrão. Estudos do Instituto Democracia em Xequê observaram o impacto desse evento ([1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#)).

É nesse contexto de fragilidade que, em 24 de junho de 2026, Michelle publicou um [vídeo de quase 27 minutos](#) (em duas partes) escancarando o racha: disse ter sido “desrespeitada” e “humilhada” por Flávio ao telefone, e que o senador teria dito que ela “havia chegado ontem” e não entendia de política⁷. A produção era cuidadosamente encenada, com teleprompter, estética de pronunciamento oficial e símbolos sobre a mesa. Horas depois, Flávio pediu desculpas publicamente (“se o fiz em algum momento, mais uma vez, peço desculpas”) e Michelle recuou parcialmente, negando “briga”. Uma trégua para inglês ver.

O que está em disputa: 2026 e 2030

A leitura de fundo é que o Ceará foi pretexto de uma insatisfação de Michelle por ter sido preterida e a disputa pelo espólio político de Jair. Michelle comandava até 30 de junho o PL Mulher, com grande verba partidária, construiu uma bancada feminina e evangélica própria e mira o Senado pelo DF, além de um projeto para 2030.

Flávio, por sua vez, depende do sobrenome e da bênção paterna tanto quanto dela para não prejudicar ainda mais suas chances com o eleitorado feminino. Com Jair preso, a família briga sem contrapesos e balanço, e o custo eleitoral recai justamente sobre o voto feminino, decisivo na derrota de 2022.

4 “Michelle critica Ciro Gomes após impasse sobre palanque no Ceará” (Poder360); “Pivô de crise entre Michelle e Flávio, Ciro equilibra aliança com PL” (Gazeta do Povo); “Entenda as versões de Michelle e Alcides Fernandes sobre a crise do PL no Ceará” (O Povo, 29/06/2026).

5 “Com Tarcísio fora da disputa, bolsonaristas cogitam Michelle” (Metrópoles, Andreza Matais); “Candidatos a presidente: quem segue na corrida e quem já caiu fora” (Gazeta do Povo).

6 “Flávio Bolsonaro, Vorcaro, Master: o escândalo do filme Dark Horse Azarão” (Agência Pública, maio/2026); “A pedido de Flávio Bolsonaro, Daniel Vorcaro priorizou envio de recursos para o ‘Dark Horse’” (Brasil de Fato, 02/06/2026).

7 “Flávio pede desculpas a Michelle após vídeo que expôs racha na família Bolsonaro” (Brasil de Fato, 25/06/2026); podcast *O Assunto* (G1), com Bernardo Mello Franco (jun/2026).

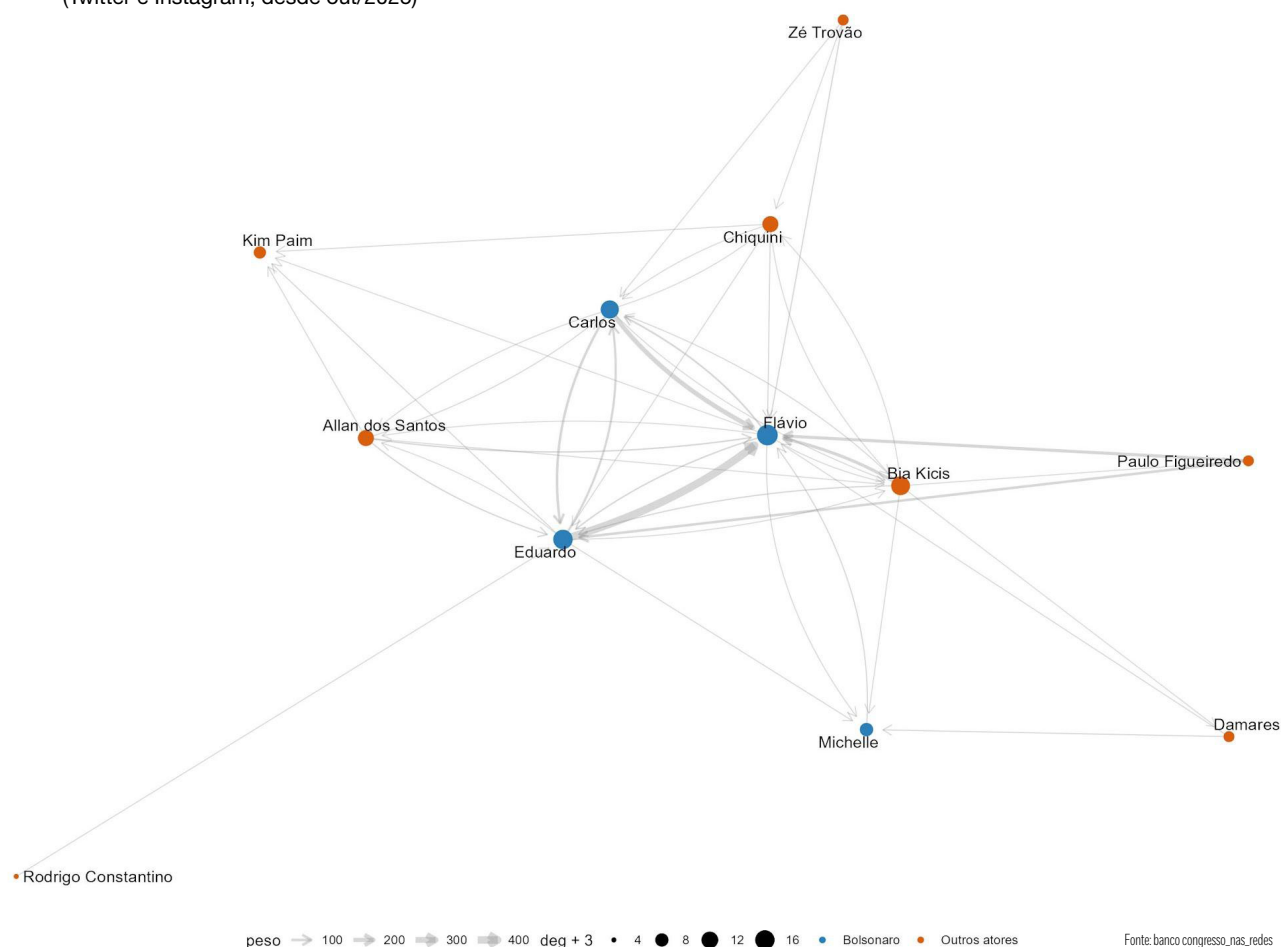
A briga expõe, ainda, o machismo como parte do *ethos* do bolsonarismo, pois parte da militância passou a chamar Michelle de “madrasta”, “de esquerda” (por “defender o feminismo”) e a se referir a ela como “Michele Firmo”, negando-lhe o sobrenome Bolsonaro.

AS REDES DE MENÇÕES DE MICHELLE, FLÁVIO, CARLOS E EDUARDO

A partir do banco de dados do Instituto Democracia em Xeque, restringimos a análise a Twitter e Instagram desde outubro de 2025. Mapeamos (i) as menções emitidas pelos quatro Bolsonaros e (ii) as menções que eles recebem de outros perfis da direita e da extrema-direita, com destaque para nove atores monitorados: Paulo Figueiredo, Kim Paim, Rodrigo Constantino, Zé Trovão, Damares Alves, Bia Kicis, Jeffrey Chiquini, Eduardo Bolsonaro e Allan dos Santos. As arestas ligam quem menciona a quem (o campo mention, tratado como lista de *@handles*).

Rede de menções entre atores da direita e extrema-direita

(Twitter e Instagram, desde out/2025)



A topologia da rede evidencia um clã que fecha fileiras em torno de Flávio, com Michelle à margem do circuito. A estrutura organiza-se gravitacionalmente em torno de Flávio e Eduardo, com Carlos também em posição central. As arestas mais pesadas convergem para Flávio (Carlos → Flávio, 221; Eduardo → Flávio, 207; Bia Kicis → Flávio, 134). Os irmãos amplificam-se mutuamente e, publicamente, o candidato, mencionando sobretudo @flaviobolsonaro, @jairbolsonaro e @bolsonarosp.

Cabe observar que essa convergência opera como uma performance de unidade em torno da marca e da autoridade paterna que persiste mesmo em meio à briga, ou seja, a exibição pública de coesão convive com o conflito interno, mas a gestão do conflito passa a ter custos cada vez mais elevados, dificultando as contingências que possibilitam a coesão.

Michelle, em contraste, ocupa posição periférica na rede. Recebe pouquíssimas menções do circuito de influenciadores, apenas de Damares, seguida de referências esparsas de Eduardo (3) e Bia Kicis (2). O achado indica que, a despeito do carisma e de uma base própria, sobretudo de perfil feminino e evangélico, Michelle permanece fora do circuito de amplificação masculino que estrutura a militância de elite da extrema-direita. Esse isolamento é, a um só tempo, sua vulnerabilidade na rede e a razão que justifica o investimento em uma estrutura paralela, o PL Mulher.

Entre os atores monitorados, Paulo Figueiredo é o mais conectado de forma transversal, mencionando tanto Flávio quanto Eduardo, ao passo que Rodrigo Constantino aparece quase isolado. Os perfis que mais mencionam Carlos e Eduardo, por sua vez, são contas hiperpartidárias de perfil anônimo ou militante, ou seja, uma reprodução, na conjuntura atual, da mesma gramática das subculturas anônimas (do tipo “Direita ZV”) descrita na síntese das subculturas.



Os 50 perfis que cada Bolsonaro mais menciona

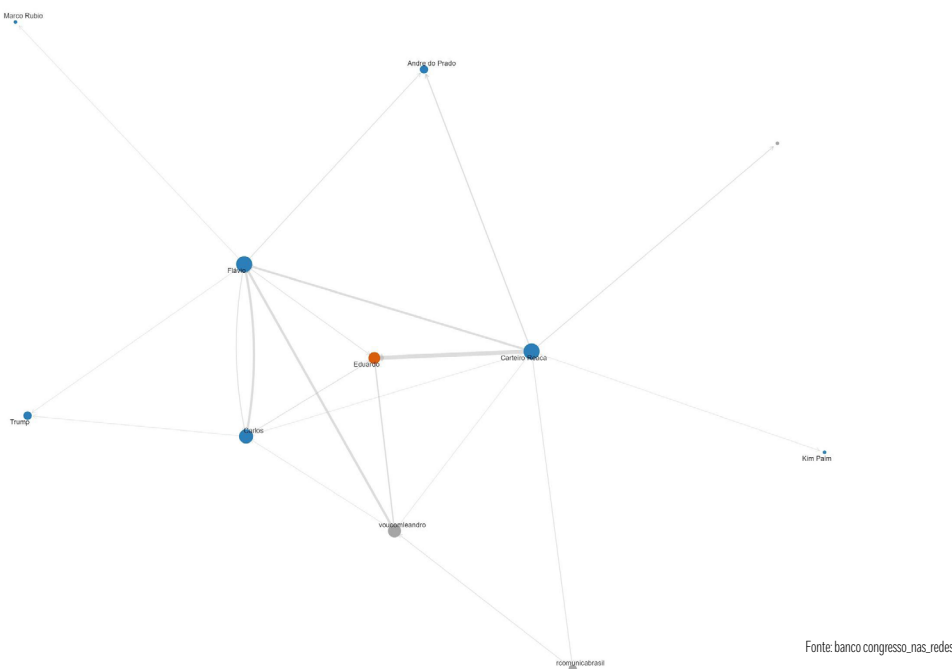
Para detalhar a estrutura, construiu-se, para cada um, o conjunto dos cinquenta perfis mais mencionados, observando-se em seguida como esses cinquenta se mencionam entre si (Twitter e Instagram, desde out/2025). Cada Bolsonaro é representado por dois grafos, ambos tomando os cinquenta perfis como *fontes*; o próprio Bolsonaro é excluído da condição de *hub*, para não achatam a estrutura sob o efeito de um nó dominante.

O primeiro grafo (A, “entre os 50”) registra as menções trocadas entre os cinquenta perfis, além das que dirigem ao próprio Bolsonaro, e evidencia a coesão interna e a formação de subgrupos. O segundo (B, “no geral”) registra quem esses cinquenta mencionam no conjunto de suas publicações, isto é, os alvos externos mais citados, revelando o alcance do *cluster* e as pontes que ele estabelece com outros circuitos. O resultado expõe quatro redes de sociabilidade distintas, e é nessa comparação que a assimetria interna do clã se torna mais nítida.

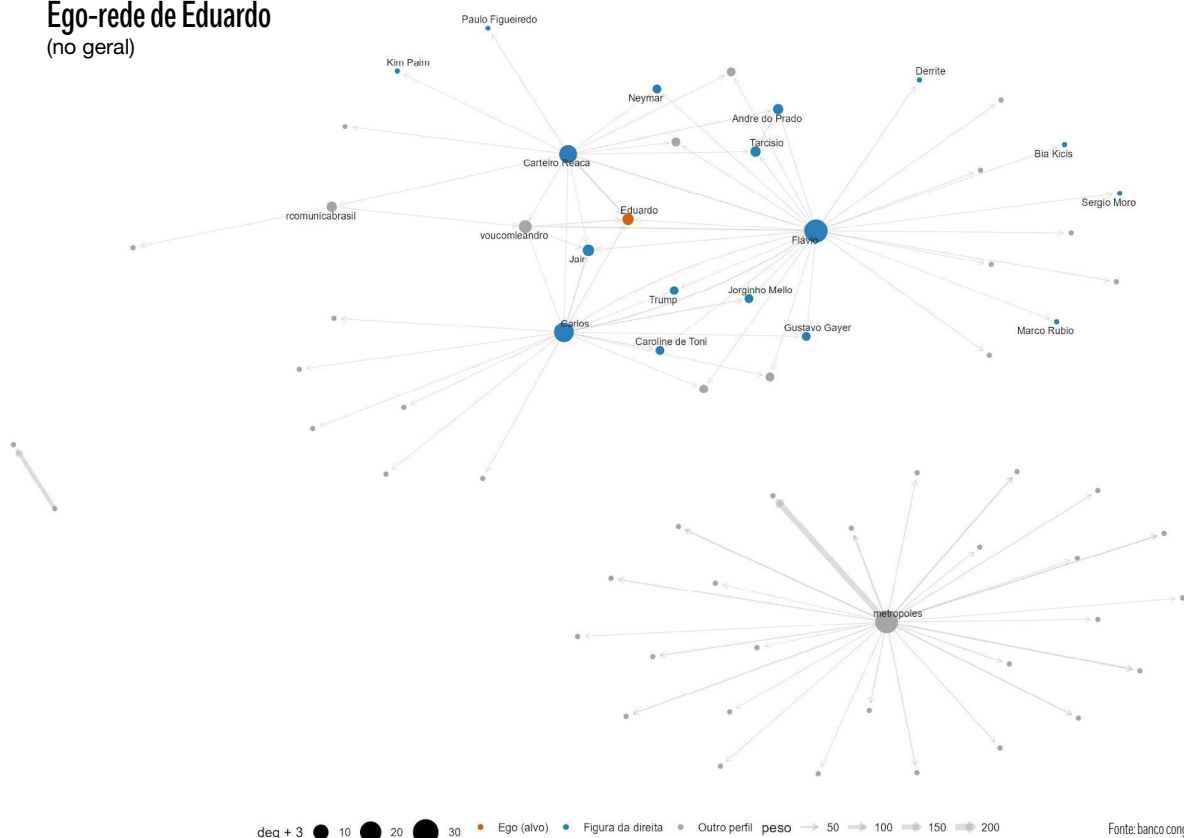
Eduardo, o transnacional e midiático

Seu vínculo mais forte é com Flávio (207 menções), seguido de Paulo Figueiredo (52), Carlos (38) e Jair (26); no grafo A, o núcleo familiar (Flávio–Carlos– Eduardo) aparece fortemente interligado, com Carteiro Reaça como amplificador central. O traço distintivo, no grafo B, são as pontes para o ecossistema trumpista e midiático, com Trump, Marco Rubio (secretário de Estado dos EUA), André do Prado. É a expressão, na rede, da articulação a partir dos Estados Unidos.

Ego-rede de Eduardo
(entre os 50)



Ego-rede de Eduardo
(no geral)



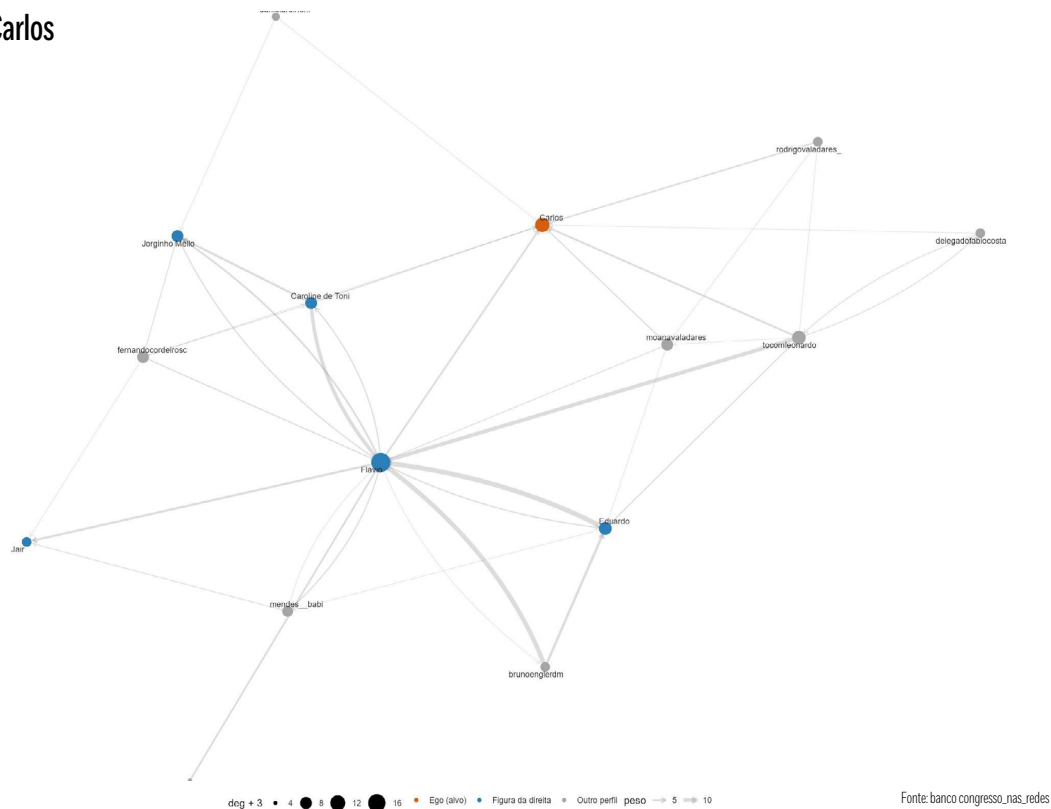
deg + 3 10 20 30 40 Ego (laranja) Figura da direita Outro perfil peso 50 100 150 200

Fonte: banco congresso_nas_rede

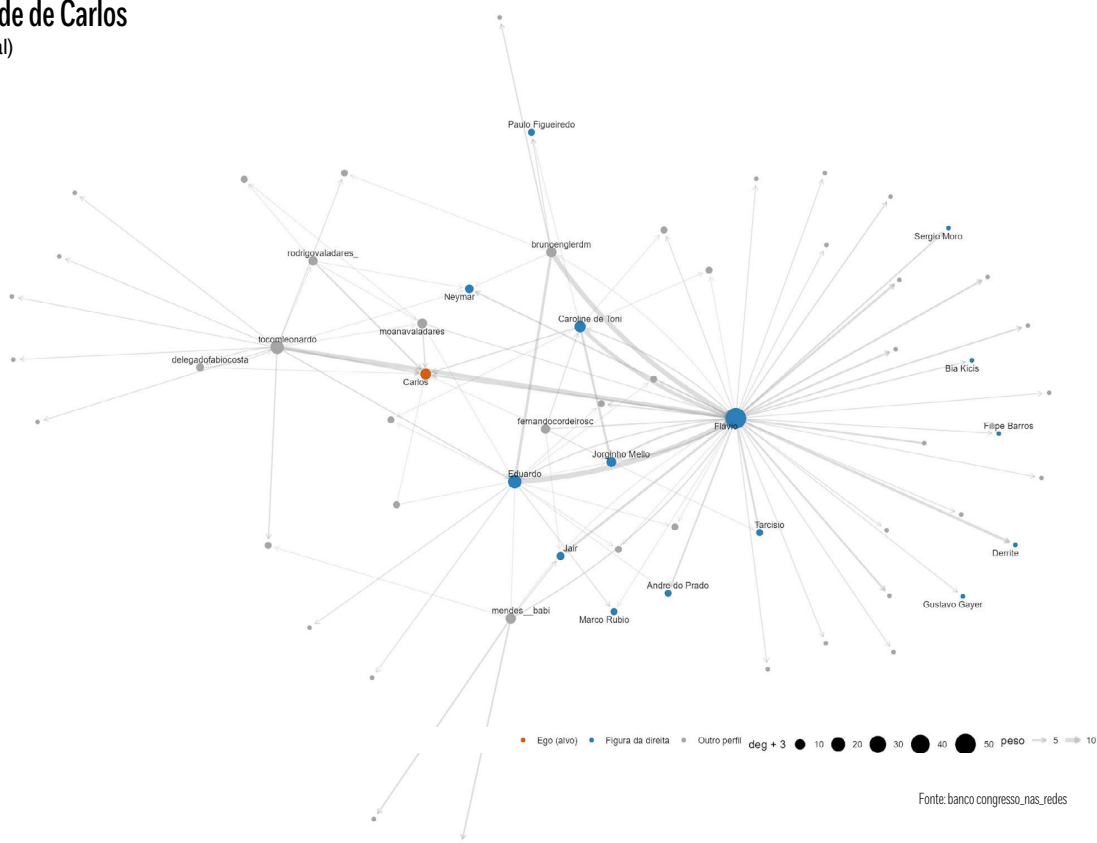
Carlos, familiar e insular

Menciona sobretudo Flávio (110), Jair (62) e Eduardo (48); no grafo A, é o nó mais voltado para dentro do clã. No geral (B), abre-se para governadores e aliados (Jorginho Mello, Caroline de Toni) e para o aparato do PL.

Ego-rede de Carlos (entre os 50)



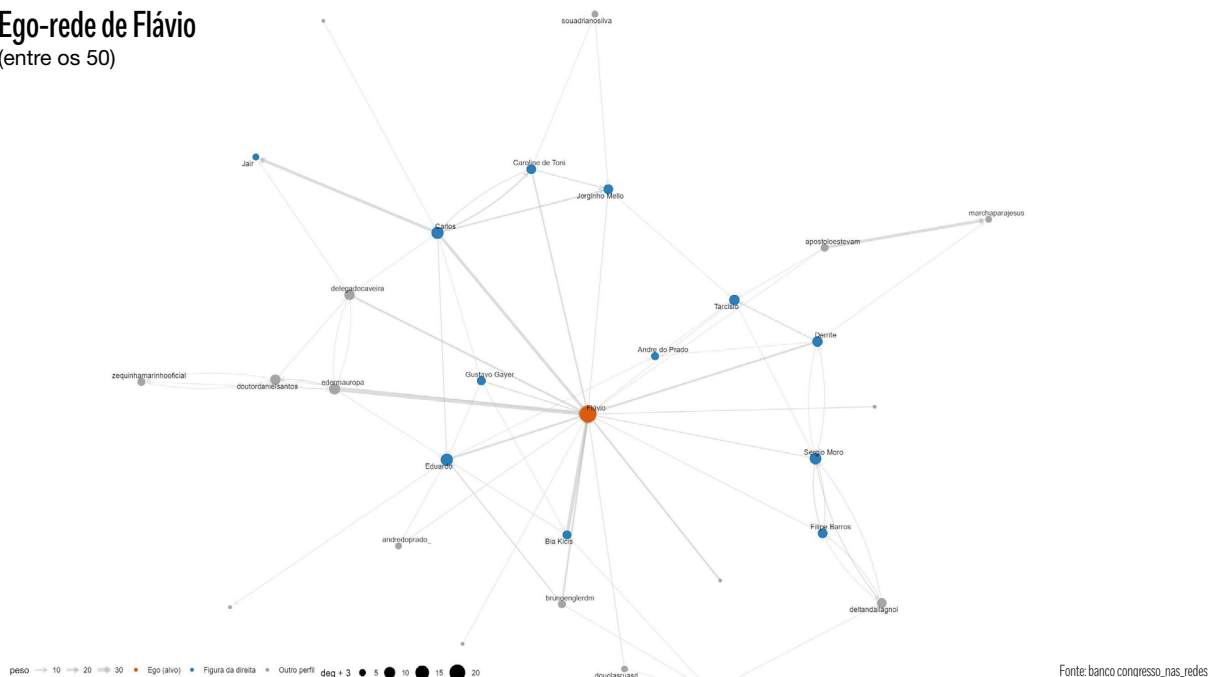
Ego-rede de Carlos (no geral)



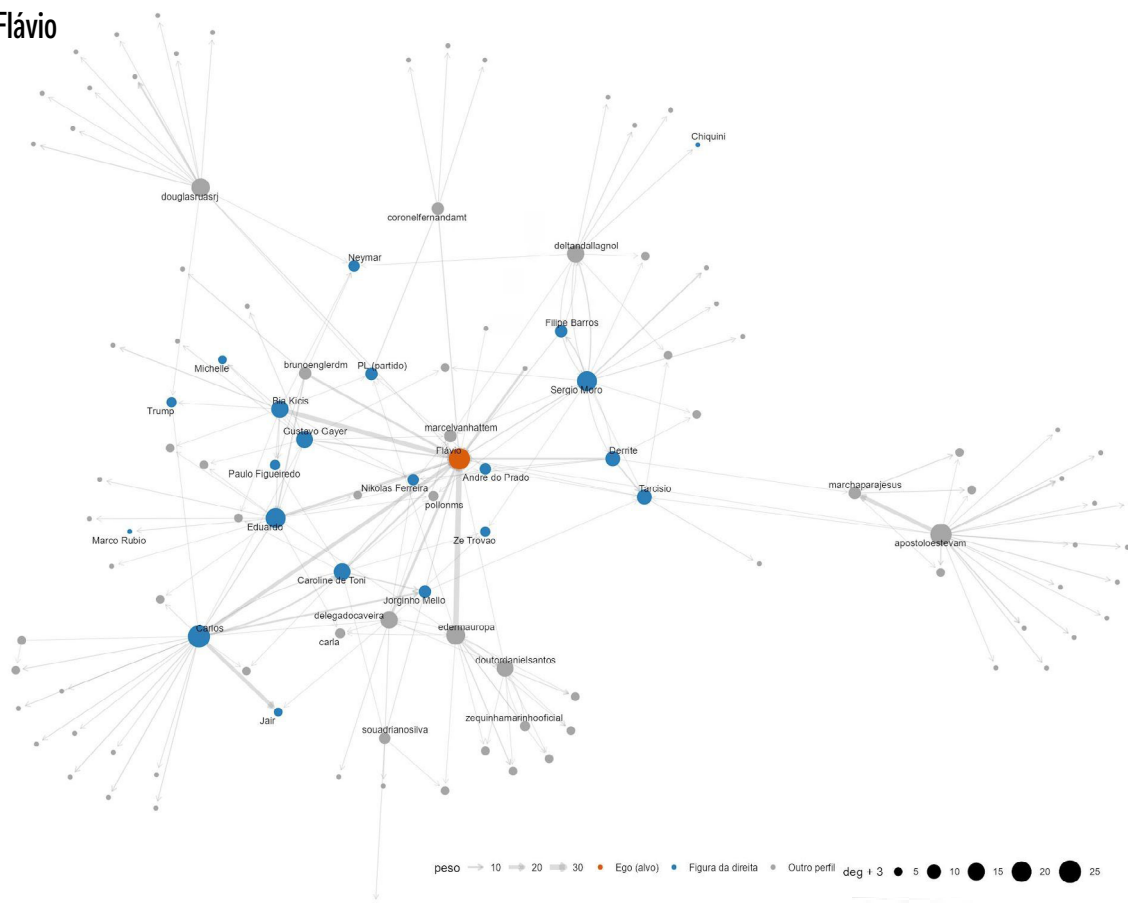
Flávio, institucional e de palanque

O candidato tem a rede mais institucional, contando com os irmãos e o pai, menciona governadores e aliados (Tarcísio, Jorginho Mello, o secretário Guilherme Derrite) e busca capital simpático fora da política (uma menção a Neymar). No grafo B, aparece como o principal hub de palanque da extrema-direita.

Ego-rede de Flávio (entre os 50)



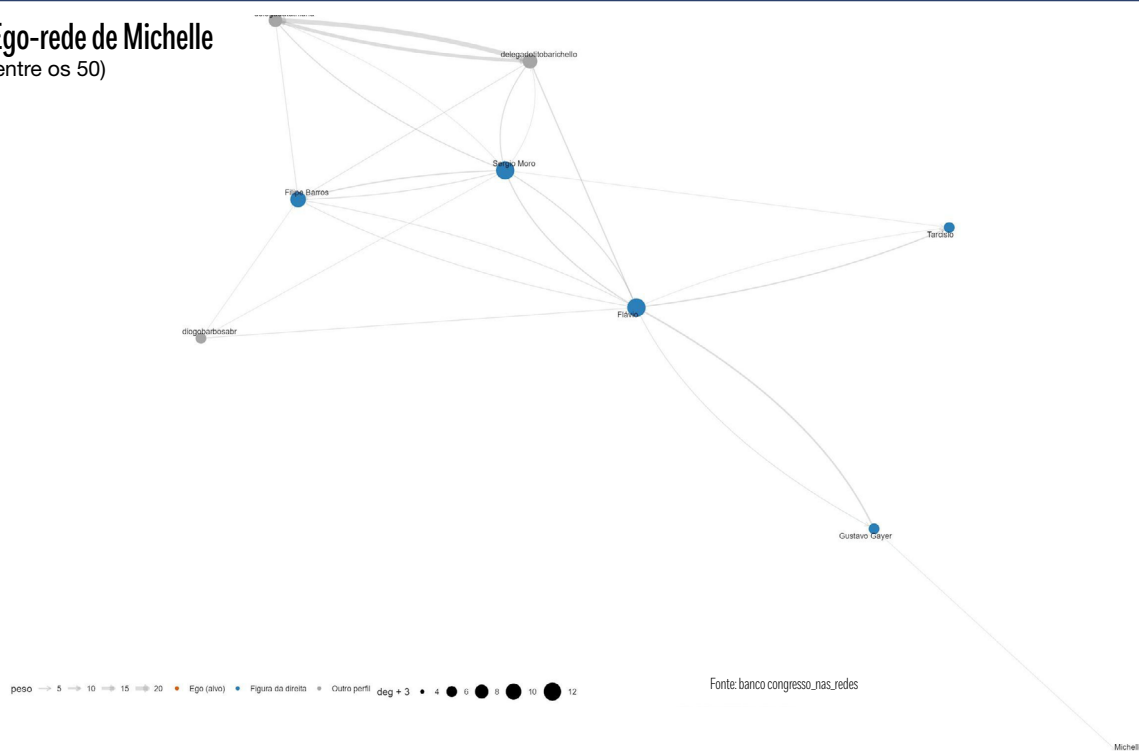
Ego-rede de Flávio (no geral)



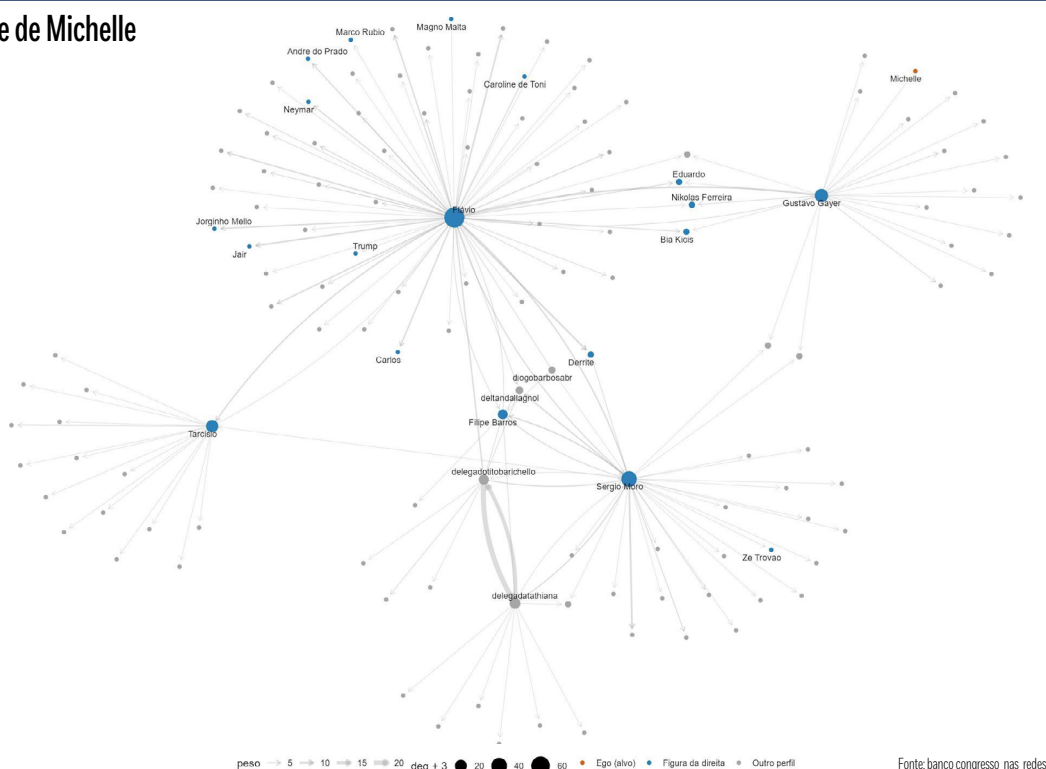
Michelle, desgarrada do núcleo familiar

É a que menos menciona os cunhados (Flávio aparece com apenas 5 menções; Carlos e Eduardo, nenhuma) e a que tem a menor rede. Constrói uma vizinhança autônoma e territorial (DF): Filipe Barros, Sergio Moro, que também teve rupturas com a família, os delegados Tathiana e Tito Barichello, Eric Gustavo; figuras que, no grafo A, se mencionam entre si, formando um cluster próprio. Isso aponta para um “projeto político próprio” de Michelle, orientado ao Senado do DF e a uma base que tenta não depender da amplificação dos irmãos Bolsonaro.

Ego-rede de Michelle (entre os 50)



Ego-rede de Michelle (no geral)



NARRATIVAS DO RACHA NAS REDES

Esta seção analisa as principais narrativas que estruturam o racha da extrema-direita bolsonarista nas redes sociais ao longo de 2026, com atenção às disputas pela sucessão política de Jair Bolsonaro, à definição da candidatura presidencial do campo e às controvérsias entre seus principais atores. Nos últimos meses, vários temas surgiram sobre as disputas, como a hipótese de Eduardo Bolsonaro como alternativa eleitoral, as dúvidas e críticas à candidatura de Flávio Bolsonaro e o conflito público entre Flávio e Michelle Bolsonaro, às quais se articulam embates envolvendo Nikolas Ferreira, Silas Malafaia, Tarcísio de Freitas, Romeu Zema, Ronaldo Caiado e outros representantes da direita e da extrema-direita.

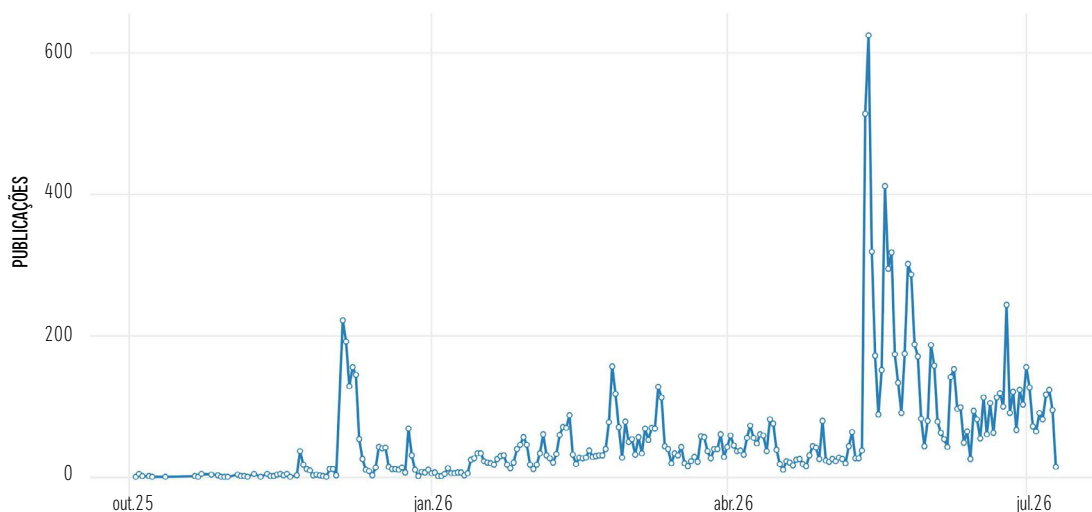
A análise evidencia que o apelo recorrente à “união da direita” funciona de maneira paradoxal, tendo em vista que é mobilizado por diferentes correntes como exigência de lealdade, ele acaba aprofundando as divisões internas, intensificando a patrulha ideológica e transformando divergências estratégicas, familiares e eleitorais em controvérsias públicas de grande repercussão.

Candidatura de Flávio

Este tema mobilizou mais que o dobro dos outros assuntos somados, totalizando 14.946 publicações e 33,87 milhões de interações. O maior pico ocorreu em 13 e 14 de maio (2 milhões de interações em um dia) e coincide com a divulgação do escândalo Banco Master/Vorcaro, de modo que a candidatura é discutida, em boa medida, sob o signo da crise. O dado mais eloquente, porém, é a hierarquia de atores: Eduardo lidera com folga (610 mil interações), à frente de Paulo Figueiredo (543 mil), Carlos (217,6 mil), Chiquini (154 mil) e Bia Kicis (74,6 mil), ao passo que o próprio Flávio comparece com apenas 34,5 mil e Michelle é quase inexistente no tema (601 interações).

Volume de publicações da candidatura de Flávio

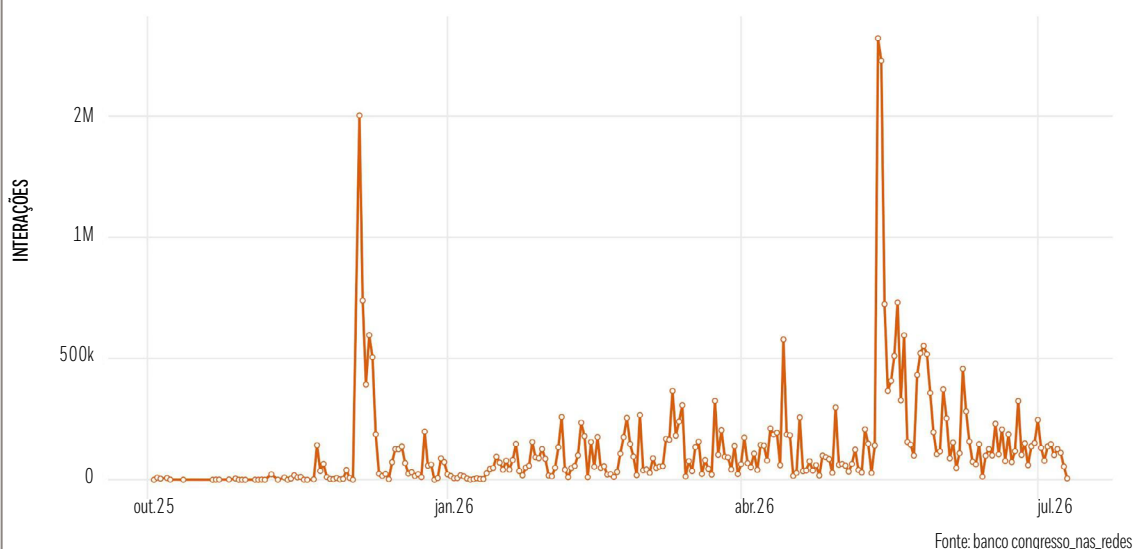
Categoria “Direita”, por dia (desde out/2025)



Fonte: banco congresso_nas_redes

Engajamento da candidatura de Flávio

Categoria “Direita”, por dia (desde out/2025)



O escândalo Vorcaro forneceu o principal vetor de crítica à candidatura, e é significativo que as formulações mais contundentes tenham partido de quadros do próprio bolsonarismo, e não da oposição. Uma segunda linha de crítica, menos acusatória e mais estratégica, censura não o vínculo em si, mas a gestão política do episódio. É a posição de Renata Barreto, para quem *“houve um revés importante para sua campanha e isso poderia ter sido resolvido se ele tivesse revelado, por conta própria, o patrocínio do Banco Master ao filme sobre a vida de seu pai. A narrativa agora pertence à esquerda”* ([Instagram](#)).

Mesmo entre apoiadores declarados, a adesão passou a ser condicional, como no voto de confiança que Magno Malta acompanha de cobrança: *“eu sigo dando a você o meu voto de confiança. Agora, uma coisa precisa ser dita com clareza: o Banco Master precisa ser passado a limpo (...) chegou a hora de investigar, colocar tudo em cima da mesa”* ([Instagram](#)).

A crítica a Flávio e a defesa de candidaturas alternativas: Zema, Caiado e Tarcísio

A candidatura de Flávio não é consenso na extrema-direita. O crítico mais insistente foi Rodrigo Constantino que, situado fora da ala bolsonarista, defendeu abertamente o voto em Zema ou Caiado a partir de três categorias. A primeira, de natureza moral, incidia sobre o caso Vorcaro: *“Flavio negou HOJE mais cedo grana do Vorcaro para filme, o que agora admite; as mensagens mostram uma intimidade bizarra entre Flavio e Vorcaro (‘irmão’)...”* ([Twitter](#)).

A segunda, de ordem estratégica, questionava a viabilidade eleitoral do senador e chegava a admitir erro de avaliação do próprio comentarista: *“EU ERREI. Fiz parte da turma que bateu em Tarcísio (...) e apostei no nome de Flavio. Hoje está claro que Tarcísio seria mais competitivo (...). Qual o plano B agora?!”* ([Twitter](#)). A terceira, enfim, era propositiva e cobrava coerência da base, ao mesmo tempo em que endossava Zema (*“Que venha o Zema!”*, [YouTube](#)), Constantino problematizava a lógica binária de lealdade que classificava eleitores por sua disposição de segundo turno: *“quem vai votar no Caiado ou no Zema no primeiro turno e em Flavio no segundo é um inimigo traidor ou um futuro aliado?”* ([Twitter](#)).

A crítica aponta para candidaturas da direita disputando o mesmo eleitorado. Romeu Zema (Novo) e Ronaldo Caiado (União Brasil) lançaram-se pré-candidatos à Presidência, ao passo que o PL articulava atrair Zema para a vice de Flávio ([Conexão Política](#)). Outros atores relevantes fizeram leitura similar. Paulo Guedes sintetizou a disputa em termos de convergência: *“Se ele [Flávio] ganhar, terá meu total apoio. Mas Zema, Caiado, Ratinho Júnior, todos eles já tiraram fotos juntos, pois a centro-direita estará junta”* ([Instagram](#)).

A ala pró-Flávio respondeu com ataques diretos às alternativas, o que evidencia que a retórica da “unidade” convivia com o fogo amigo. Allan dos Santos foi o mais contundente, tanto contra o Novo *“Essa é a verdade sobre Zema e o Partido Novo”* ([Instagram](#)); *“Zema cavou a própria cova!”* ([Instagram](#)), quanto contra o outro presidenciável: *“Ronaldo Caiado não é só burro; ele é canalha!”* ([Instagram](#)). Reencena-se, aqui, a mesma lógica de depuração que, a essa altura, já rotulava dissidentes de “isentão”, *“Todo isentão/esquerdista é um apoiador de genocídio”* ([Instagram](#)), “traidor” ou “intergaláctico”.

Tarcísio, por fim, exemplifica a mobilidade dos atores entre os polos que caracteriza o campo. Metade da chapa Tarcísio–Michelle frustrada por Jair, converteu-se posteriormente em palanque de Flávio. Em agenda conjunta, Tarcísio saudou Flávio como *“próximo presidente”*, que retribuiu afirmando que o governador *“tem plena capacidade de ser presidente”* no futuro ([Conexão Política](#)). Eduardo, em sentido contrário, rejeitou-o com o vocabulário da autenticidade: *“Tarcísio é o candidato que o sistema quer (...) uma pessoa de princípios (...) deveria ser a primeira a recusar a candidatura”* ([Instagram](#)).

A defesa de Flávio e a “redução de danos”

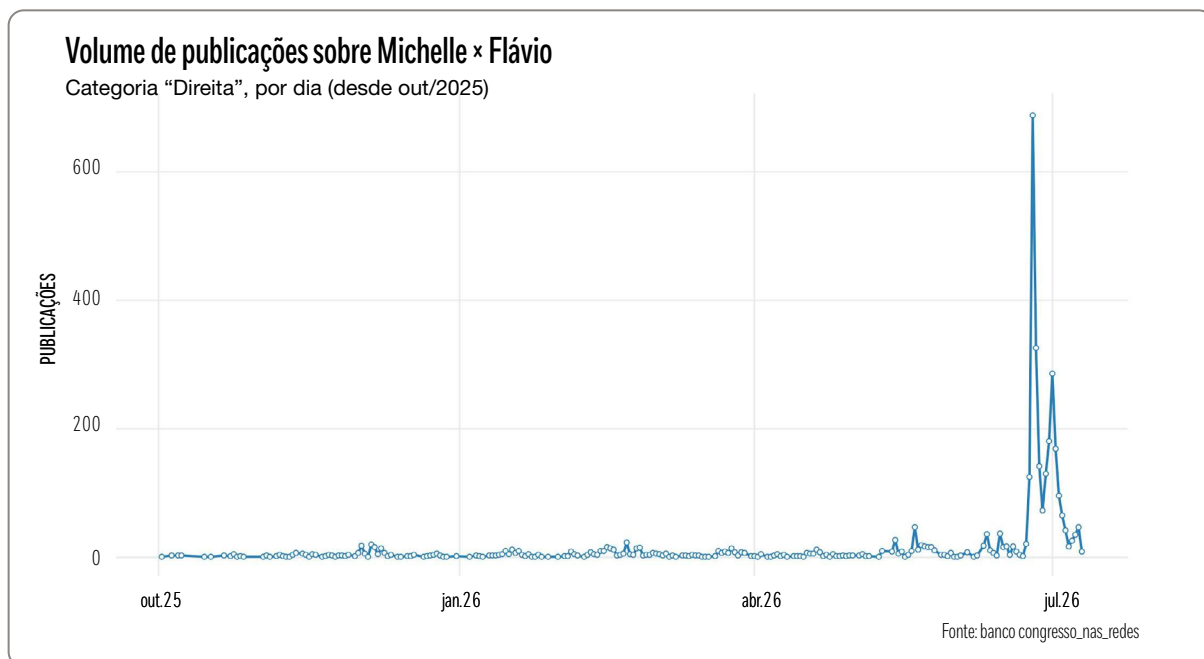
Em contraposição, o núcleo pró-Flávio operou uma contranarrativa cuja função foi deslocar a imputação de culpa do senador para o “regime”, o STF ou adversários tidos por equivalentes, como Zema. O procedimento ilustra a lógica das controvérsias encenadas, na medida em que converte uma vulnerabilidade interna em episódio de perseguição externa. Zé Trovão recorre à analogia histórica, traçando um paralelo entre a divulgação seletiva dos diálogos do *Intercept* em 2019 (Vaza Jato) e a dos áudios de Vorcaro em 2026, de modo a sugerir um mesmo padrão de perseguição ([Instagram](#)). Paulo Figueiredo mobiliza o argumento da equivalência para relativizar a responsabilidade de Flávio: *“Se o Flávio Bolsonaro tinha que saber que Vorcaro era bandido antes do escândalo do Master estourar, Zema também tinha que saber... Imperdoável?”* ([Instagram](#)).

Uma segunda modalidade de defesa adverte contra a autofagia do campo. Sebastião Coelho apela à prudência: *“A precipitação é a maior inimiga da justiça e da nossa união (...) a direita não pode cair na armadilha de atirar pedras em seus próprios aliados no primeiro abalo”* ([Instagram](#)); enquanto Jeffrey Chiquini reconduz a origem dos ataques ao antagonista externo, num movimento que atribui ao STF a autoria última da crise: *“STF não quer o Flávio Bolsonaro Presidente do Brasil. Tá aí o motivo de tantos ataques contra o Flávio”* ([Instagram](#)).

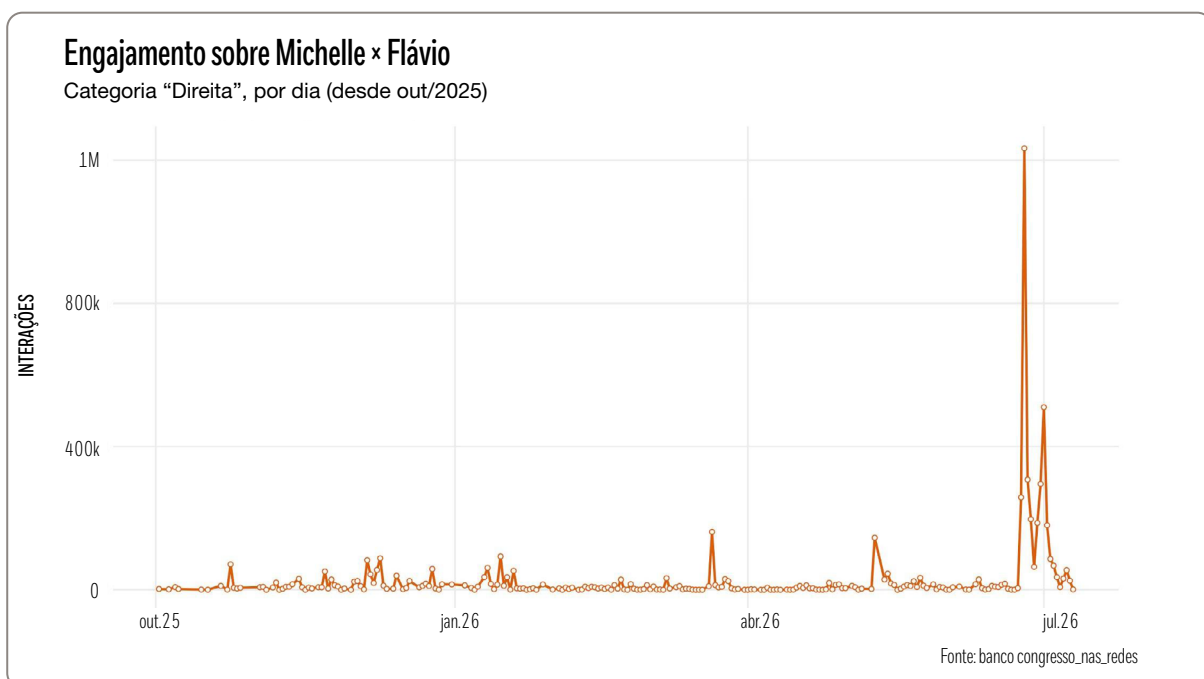


Michelle x Flávio

O tema mantém base quase nula ao longo de todo o período e irrompe abruptamente com o vídeo de Michelle. Em 25 de junho, o assunto salta para 688 publicações e cerca de um milhão de interações em um único dia, o pico absoluto tanto em volume quanto em engajamento (total de 3.657 publicações e 5,98 milhões de interações).



A conversa é conduzida sobretudo por terceiros: Paulo Figueiredo (102,8 mil interações), Jeffrey Chiquini (93,3 mil), Allan dos Santos (82,3 mil), Kim Paim (30,7 mil) e Bia Kicis (25,4 mil). Os protagonistas quase não aparecem; Michelle soma apenas 4 publicações (14,5 mil interações) e Flávio praticamente se cala. Entre os perfis de maior engajamento predominam parlamentares comentando o episódio (Hélio Lopes, Adrilles, Marcos do Val, Paula Marisa, Caroline de Toni, Os Pingos nos Is), e a reação mobiliza a inflexão de gênero já registrada na cobertura, que rebaixa Michelle a “ma-drasta” ou a “Michele Firmo”, negando-lhe o sobrenome Bolsonaro.





MICHELE X FLAVIO

A reação predominante da militância de elite ao vídeo de Michelle organizou-se em torno de dois enquadramentos complementares: o da conduta feminina desregrada (“birra”) e o da deslealdade ao campo (“traição”).

O primeiro é exemplificado pela fala de Alexandre Ramagem, ex-diretor da Abin, significativamente amplificada pelo próprio Eduardo Bolsonaro, para quem *“Michelle Bolsonaro trouxe um assunto de sete meses atrás para prejudicar Flávio Bolsonaro, porque ela não quer entrar na campanha, fica fazendo birra. Ela queria ser a candidata, não aceitou a decisão do marido e saiu para prejudicar o senador Flávio”* ([publicação; retuíte de Eduardo Bolsonaro](#)). A mesma gramática de deslegitimação, agora com inflexão de gênero explícita, aparece em Paulo Figueiredo, que recorre a um par de estereótipos para sugerir seletividade na indignação de Michelle: *“Michelle Bolsonaro foi tigrone com Flávio, mas tchutchuca com Alexandre de Moraes”* (Paulo Figueiredo Show, Ep. 285; [Instagram](#)), se remetendo ao momento em que a ex-primeira-dama orou por Alexandre de Moraes e [disse que ele seria ‘irmão em Cristo’](#).

O segundo enquadramento subordina a crítica ao cálculo eleitoral, convertendo a exposição pública da desavença em ameaça à unidade do campo. É o que faz o deputado Alex Brasil (PL-SC), ao afirmar que *“esse racha interno provocado pelas declarações de Michelle Bolsonaro só serve para inflar o racha da direita, prejudicando diretamente a candidatura de Flávio Bolsonaro e, no fim das contas, favorecendo Lula”* ([Instagram](#)).

O argumento é reforçado pela mobilização de dados de opinião pela própria militância. Allan dos Santos aciona pesquisa para demonstrar isolamento: *“AtlasIntel | 86,9% das mulheres bolsonaristas preferem Flávio a Michelle candidata”* ([Twitter](#)). A rejeição a Michelle, portanto, é produzida endogenamente pela própria militância bolsonarista.

A defesa de Michelle

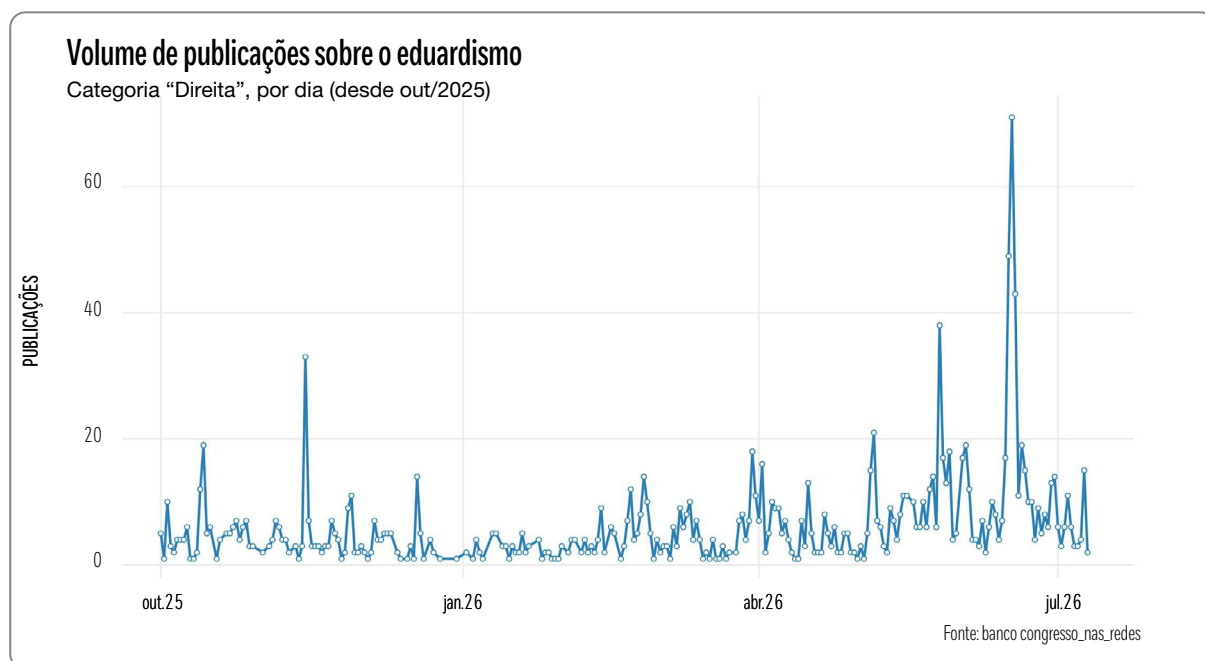
A ex-primeira-dama não ficou desprovida de defensores, ainda que a base tenha pendido majoritariamente para Flávio. Sua principal voz foi Damares Alves, que operou a defesa em registro simultaneamente afetivo e religioso, deslocando a disputa política para o terreno da moral familiar e da fé: “*Ver o cuidado e o respeito com que Bolsonaro defende sua esposa, a nossa querida Michelle, é um testemunho de amor e de valorização da família. É triste ver que alguns, que deveriam estar ao nosso lado (...), se percam em ataques desnecessários. Michelle é uma mulher de Deus*” ([Instagram](#)).

Ao anunciar a saída de Michelle do PL Mulher para cuidar do marido, Damares reconverteu o recuo em gesto histórico, afirmando “*o que você fez, Michelle, mudou para sempre a história da participação das mulheres na política*” ([Instagram](#)). A defesa apoiou-se ainda em vínculos de aliança territorial e em cobranças de coerência à militância. Bia Kicis, parceira de chapa no Distrito Federal, agradeceu “*à nossa eterna primeira-dama @michellebolsonaro pelo apoio à minha pré-candidatura ao Senado*” ([Instagram](#)) e reivindicou a “*chapa pura com Michelle Bolsonaro e eu, DF*” ([Instagram](#)), enquanto Bruno Zambelli creditava a ela protagonismo na mobilização pela libertação de Bolsonaro: “*mérito total da @michellebolsonaro, que vem trabalhando de forma corajosa para que o presidente volte para casa*” ([Instagram](#)).

Já Rodrigo Constantino, desde janeiro, problematizava a própria seleção de alvos da base: “*estranho a escolha de pauta de alguns bolsonaristas de ficar atacando a revista Oeste, a Michelle, o Novo e até o Tarcísio*” ([Twitter](#)).

Eduardismo

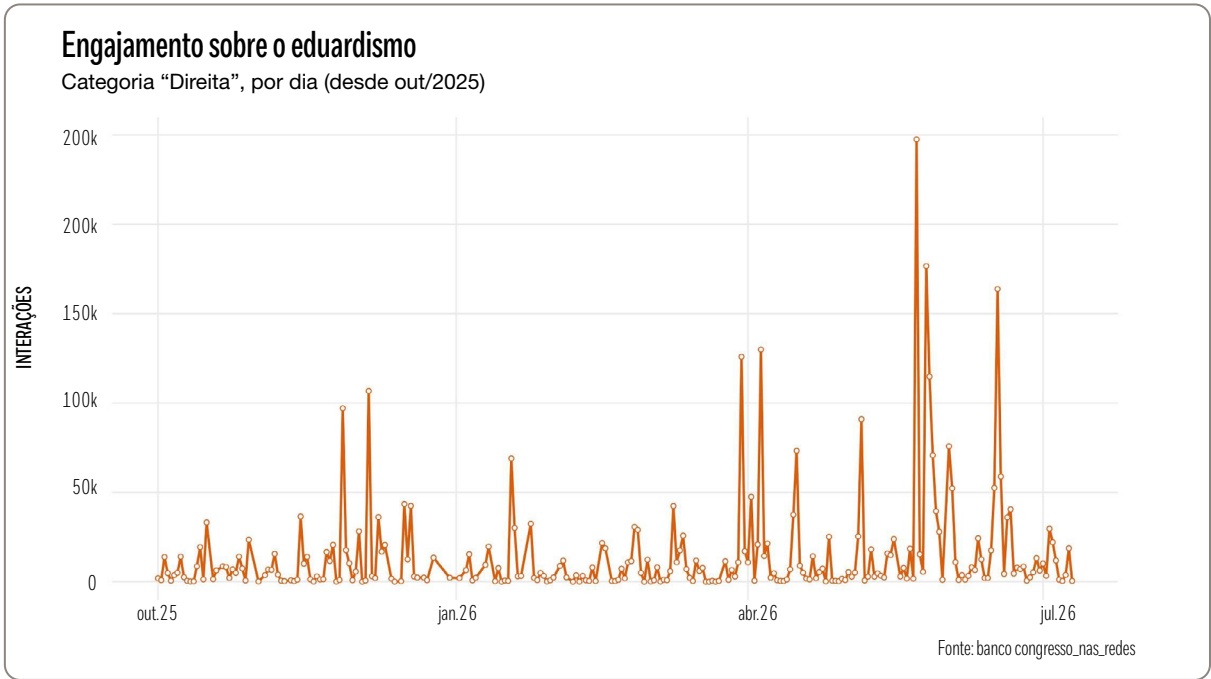
Movimento no final de 2025 que tentou articular o nome de Eduardo Bolsonaro à presidência da república como o representante mais “purista” dos filhos de Jair Bolsonaro. Trata-se da menor das três frentes em volume (1.567 publicações), embora o engajamento seja expressivo (3,68 milhões de interações). O pico de publicações ocorre em 17 de junho e o de engajamento em 23 de maio (247 mil interações em um dia).



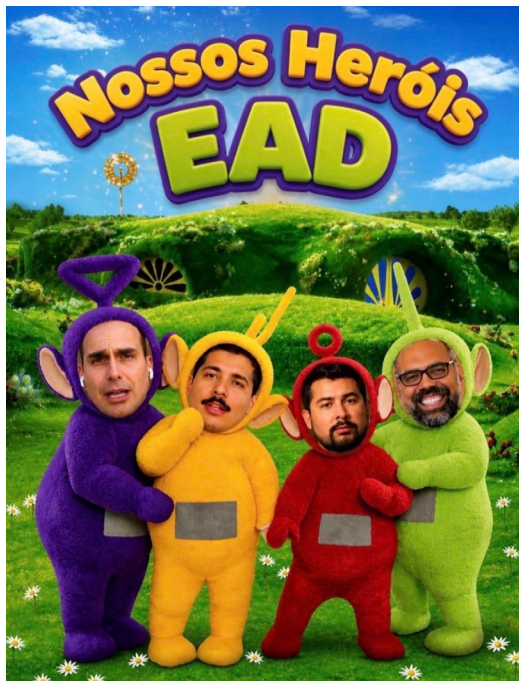
A conversa é conduzida por Paulo Figueiredo (77,9 mil interações) e pelos próprios Carlos (25,5 mil) e Eduardo (20,9 mil), com Rodrigo Constantino em posição secundária (7,1 mil), ao passo que Michelle é marginal no tema (2,2 mil). Entre os perfis predomina o ecossistema de mídia hiperpartidária (Conexão Política, Paulo Mansur, Jovem Pan, Pleno.News, Revista Oeste, Os Pingos nos Is) e parlamentares (Gil Diniz, Carla Zambelli), com o Instagram concentrando quase todo o engajamento (3,08 milhões de 3,68 milhões).



Observa-se, portanto, que mesmo residindo nos Estados Unidos e sob as bandeiras da anistia e do enfrentamento a Alexandre de Moraes, Eduardo manteve viva a hipótese de candidatura própria. O “eduardismo” funciona, na prática, menos como projeto eleitoral autônomo do que como plano B e contraponto interno à opção por Flávio.



Interessante notar como há uma disputa interna na extrema-direita que utiliza a alcunha de “patriotas EAD” para se referir a direitistas que moram nos Estados Unidos ou em outros países. O termo frequentemente é direcionado a Rodrigo Constantino, mas passou a ser generalizado. A menção a EAD é pejorativa, apontando para atores que não estão em solo nacional, portanto, não tem a mesma responsabilidade na atuação contra a esquerda e o governo. São vistos como propagandistas sem risco real.



A "EXTREMA DIREITA EAD"

Se a ala eduardista se notabiliza pela patrulha da lealdade, ela é, por sua vez, alvo de uma crítica que provém sobretudo da direita neocon e não bolsonarista, ligada ao Novo, ao MBL e a comentaristas como Rodrigo Constantino. O argumento central acusa o grupo de Eduardo de sabotar as chances eleitorais da direita ao converter a perseguição de supostos “traidores”, entre os quais a própria Michelle e Nikolas. Constantino é o enunciador mais insistente dessa posição e recorre à metáfora zoológica para descrever o que entende como autofagia do campo: *“não foi por falta de aviso que essa turma eduardista implodiu as chances de vitória do Flavio. Alimentaram corvos o tempo todo, contra Nikolas, eu, Michelle e tantos outros. Xingaram, rotularam de ‘traidores’ e promoveram intrigas, até na família, no casamento”* ([Twitter](#)).

A crítica inverte a acusação de deslealdade contra o próprio acusador. Ao apoiar um nome do Centrão, Eduardo seria ele o agente objetivo do adversário: *“ao apostar num candidato do centrão, Eduardo Bolsonaro prejudicou muito as chances de Ricardo Salles (...). É o camisa 10 do Lula!”* ([Twitter](#)).

O próprio Ricardo Salles, objeto dessa preterição, denuncia a contradição entre o discurso anti-Centrão de Eduardo e sua prática de aliança, estendendo a Valdemar Costa Neto a responsabilidade pela “criatura”: *“esse apoio ao nome do filhote do Valdemar é vergonhoso. O próprio Eduardo sempre verbalizou sua ojeriza ao centrão (...). A criatura foi criada à imagem e semelhança do seu criador, Valdemar”* ([Instagram](#)). O léxico da traição, como se observa, é reversível, pois cada facção o mobiliza para descrever a outra.

O embate Eduardo × Nikolas

O atrito mais aberto do campo opôs Eduardo Bolsonaro a Nikolas Ferreira, o maior influenciador da extrema-direita, responsável, em janeiro de 2026, pela “Caminhada por Justiça e Liberdade” a Brasília sob o bordão “*O Brasil acordou*”, cujo post de convocação alcançou 6 milhões de interações ([Instagram](#)). A divergência é, na origem, de estratégia, considerando que Nikolas defende a negociação direta com o governo Trump, ao passo que Eduardo cobra adesão à sua campanha por sanções contra ministros do STF. O caso interessa menos pelo conteúdo da disputa do que pela forma como o conflito é deliberadamente cultivado e depois reenquadrado.

Em abril de 2026, [Eduardo Bolsonaro respondeu tweet](#) de Nikolas, acusando-o de desrespeito com a família e apontando que ele estava trabalhando “ativamente contra quem acreditou e apoio você”. A briga se insere em um contexto mais amplo de acusações que Eduardo faz contra Nikolas, cobrando um apoio mais contundente à campanha de Flavio. “Esta é só mais uma das várias coincidências do pessoal que pede “união da direita”.

Com efeito, Eduardo transformou o embate em algo secundário: “*Nikolas x Eduardo. É isto o que mais importa. Compartilhe até 6/MAIO!*” ([Instagram](#)) usando o tema como clickbait para convocar a população para voto no exterior; e defendeu Nikolas da acusação de vínculo com o caso Vorcaro (“*Nikolas usou avião de Vorcaro. E agora?*”, [YouTube](#)). Em seguida, separou as críticas pessoais da estratégia política: “*todos sabem que já critiquei Nikolas, pública e privadamente (...). O que não podemos é confundir crítica política com a instrumentalização de narrativas destinadas a criminalizar inocentes*” ([Instagram](#)).



A “DIREITA LIMPINHA”

A assimetria no tratamento dos aliados foi exposta por Rodrigo Constantino, que apontou o duplo padrão da ala eduardista: “*Eduardo Bolsonaro passa sermão no Nikolas, praticamente o chamando de traidor, por uma risada num post do Grimaldo. Mas o mesmo Eduardo defende publicamente o Kim Paim, cuja patota chama o Nikolas de ‘bezerro de ouro’ ou coisa pior todo santo dia*” ([Twitter](#)).

O desfecho reproduz a remediação já descrita para as guerras sectárias históricas. Coube a Flávio o papel de mediador, apelando à união “*olhando para frente*” e lembrando que “*o inimigo está do outro lado*”, ao que Nikolas respondeu já o tratando por “*presidente*” ([Jovem Pan](#)).

O fator evangélico: Malafaia e a disputa pela “herança”

A disputa pela herança política de Bolsonaro encontra sua expressão mais aguda na trajetória do pastor Silas Malafaia, aliado histórico da família e responsável por celebrar, em 2013, o casamento religioso de Jair e Michelle ([Instagram](#)). É precisamente essa posição de proximidade que confere peso ao seu recuo diante da candidatura.

Malafaia acusou Flávio de exercer “*chantagem emocional*” sobre um Jair fragilizado pela prisão para dele extrair a bênção, sentenciando que “*isso aqui não é negócio de família*” e que “*não passo a mão na cabeça de corrupto de direita*”.⁸ A acusação, por sua gravidade e origem, mobilizou uma reação defensiva vinda de dentro do próprio campo. O comentarista bolsonarista Adrilles Jorge classificou a fala do pastor como “*uma acusação sórdida*”, censurando-lhe o tom: “*Malafaia sempre vocífera com ódio contra o que discorda (...). Dizer aos berros que Flávio fez chantagem emocional num Bolsonaro fragilizado para cavar uma candidatura a presidente é uma acusação sórdida*” ([Instagram](#)).

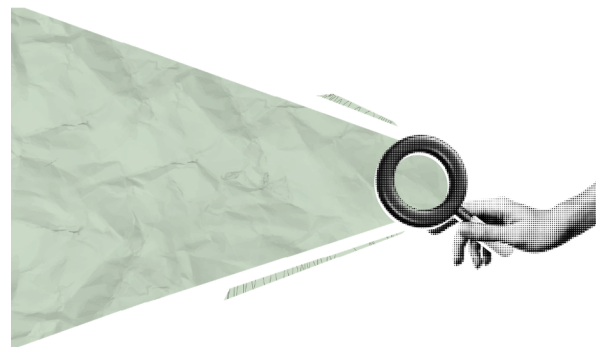
Ao recusar Flávio, Malafaia transferiu a atribuição de herdeiro a outro nome, ao afirmar que “*o herdeiro [de Bolsonaro] chama-se Nikolas*”.⁹ Os dados do perfil do pastor corroboram essa aposta, evidenciando promoção sistemática de Nikolas Ferreira, com a disseminação da “*A CAMINHADA DE NIKOLAS*” ([Instagram](#)), “*A lambada de Nikolas em quem não aceita a discordância na direita*” ([Instagram](#)) e “*Concordo 100% com o Nikolas*” ([Instagram](#)), o que o posiciona ao lado do mesmo polo “intergaláctico” que cobra pureza de Flávio.

Cabe ressaltar, todavia, que o rompimento não é nem completo nem definitivo, reproduzindo a oscilação entre ofensa e trégua já observada no interior da família. Semanas após as críticas, Malafaia recebeu Flávio em culto na sua igreja, a ADVEC, em maio de 2026, e chegou a publicar “*Flávio Bolsonaro dá um show!*” ([Instagram](#)), ao que o senador retribuiu, agradecendo “*pelo carinho com o meu pai*” ([Instagram](#)). A ambivalência é de tal ordem que o próprio pastor precisou gravar um vídeo intitulado “*SILAS MALAFAIA deixou de apoiar Flávio Bolsonaro para Presidente? A RESPOSTA!*” ([Instagram](#)) indício de que, também no plano evangélico, a fratura é administrada, e não resolvida.

8 As falas diretas de Silas Malafaia estão em “[Malafaia critica candidatura de Flávio Bolsonaro e escancara racha na direita: ‘Isso aqui não é negócio de família’](#)” (Brasil de Fato, 18/12/2025); “[Malafaia abandona Flávio Bolsonaro: ‘Não passo a mão na cabeça de corrupto de direita’](#)” (Revista Fórum); “[Malafaia descarta filhos de Bolsonaro e aponta novo líder da direita](#)” (Revista Fórum) e “[A crítica de Silas Malafaia após o anúncio da candidatura de Flávio Bolsonaro](#)” (CartaCapital).

9 As falas diretas de Silas Malafaia estão em “[Malafaia critica candidatura de Flávio Bolsonaro e escancara racha na direita: ‘Isso aqui não é negócio de família’](#)” (Brasil de Fato, 18/12/2025); “[Malafaia abandona Flávio Bolsonaro: ‘Não passo a mão na cabeça de corrupto de direita’](#)” (Revista Fórum); “[Malafaia descarta filhos de Bolsonaro e aponta novo líder da direita](#)” (Revista Fórum) e “[A crítica de Silas Malafaia após o anúncio da candidatura de Flávio Bolsonaro](#)” (CartaCapital).

A EXTREMA-DIREITA REFLETE SOBRE O RACHA: A DISPUTA PELA “UNIÃO”



Os próprios atores de extrema-direita diagnosticam e avaliam o processo de fragmentação. O termo “unir a direita” virou o principal campo de batalha, invocado por todos enquanto cada facção acusa as demais de dividir.

Por exemplo, Paulo Mansur afirmou: *“Covarde é quem abre fogo amigo enquanto a esquerda assiste. Covarde é quem racha o campo a três meses da eleição. A esquerda não precisa fazer campanha contra a gente: é só sentar e assistir a gente se destruir. O momento é de unidade.”* ([Instagram](#)). Adrilles pondera que *“a direita, por seu potencial mais democrático e livre, tem espaço para divergências maiores; mas essas divergências não podem se traduzir em desunião explícita para todo o eleitorado”* ([Instagram](#)). E Jeffrey Chiquini inaugurou até uma *“série ‘divisão na direita’”*: *“A direita está em risco real! Aliados e defensores do Bolsonaro estão sendo atacados por infiltrados na direita.”* ([Instagram](#)).

Mas o mesmo apelo à união é negociado discursivamente como condição de adesão acrítica e contingência no processo de disputa pela hegemonia do campo. Carlos Bolsonaro ironiza a “união” alheia como hipócrita: *“Mais um dia de Jair Bolsonaro preso ilegalmente e a ‘união da direita’ segue MUDA!”* ([Twitter](#)), ao mesmo tempo em que convoca a “união” em torno de Flávio (*“Vamos unir a direita! Todos em torno de @FlavioBolsonaro”*, [Twitter](#)).

Eduardo Bolsonaro faz o mesmo (*“Cadê a tal ‘união da direita’?”*, [Instagram](#); *“O NOVO se associou ao PT e ao MBL (...). Esse é o pessoal que pede união da direita”*, [Instagram](#)). E Mario Frias vira o argumento contra os “puristas”: *“A turma do ‘precisamos unir a direita’ trabalhando pesado contra a candidatura do único que tem chances de derrotar o Lula.”* ([Instagram](#)), enquanto Allan dos Santos comemora: *“Aqueles que nos acusavam de ‘dividir a direita’ acabaram revelando sua verdadeira face.”* ([Instagram](#)).

Há, ainda, os gestos de reconciliação. Marcel van Hattem postou, por exemplo *“Direita UNIDA!!!”* ([Instagram](#)); Tarcísio promete *“trabalhar sempre por uma direita unida e forte”* ([Twitter](#)); e o ato da Avenida Paulista de 1º de março de 2026, convocado por Nikolas e com Flávio, Zema e Caiado juntos, foi lido como *“ensaio de união da direita para 2026”* ([reportagem](#)).

O paradoxo, contudo, é estrutural, pois cada campo define a “união” como adesão integral à sua própria facção. Assim, o apelo à unidade acaba realimentando o racha e impulsionando a lavagem de roupa suja em público nas redes.

CONCLUSÕES

A análise sustenta observações que convergem na tese de que a fratura observada não é exterior à lógica do campo, mas sua manifestação previsível.

Em primeiro lugar, a fratura atual constitui continuidade intensificada, e não ruptura. A disputa no clã Bolsonaro reencena, no topo da hierarquia, a mesma gramática sectária que estrutura a extrema-direita digital desde 2018, com acusações de traição e de inautenticidade, disputa por protagonismo, controvérsias encenadas que capturam a atenção pública. O que se altera é a escala do objeto em disputa, uma vez que, com a interdição do patriarca do clã - preso e inabilitado eleitoralmente - a disputa passa a ser pelo capital do “bolsonarismo”.

Essa disputa pelo espólio de Bolsonaro ocorre em duas dimensões. Primeiro, uma dimensão político-eleitoral, pelos votos de Jair entre correntes externas (“MBL”, “intergalácticos” e candidaturas de Caiado e Zema) e internas à família (Flávio, eduardismo e Michelle), com atores orbitando esse espaço, como Nikolas ou Tarcisio. Uma segunda dimensão é de caráter midiático-digital, pelo controle da audiência online do bolsonarismo. Nesse caso, veículos, influenciadores e porta-vozes do bolsonarismo, sejam autoridades com ou sem mandato, estabelecem outra. Neste caso, está em jogo quem conseguirá amealhar maior parcela das audiências digitais do bolsonarismo, traduzidas em seguidores e, sobretudo, recursos advindos da publicidade digital. Essa dimensão, obviamente, também captura parte do poder político, em sua dimensão simbólica, mas com efeitos práticos relevantes para uma extrema-direita nativa digital.

Ambas as dimensões se articulam em alianças entre seus principais atores, sempre de forma contingente, conforme interesses divergentes entre seus atores, embora muitas vezes possam soar como alianças consolidadas.

Ao fim e ao cabo, trata-se de uma luta sem quartel pelo capital político do Jair, nas urnas e nas redes.

Em segundo lugar, o motor imediato da crise reside no vácuo da função de arbitragem. Conforme se depreende do capítulo de referência, Jair Bolsonaro exerceu historicamente o papel de árbitro que pacificava as guerras internas. Preso, inelegível e impedido de se manifestar, ele deixa vago esse posto, o que leva Michelle e Flávio a disputarem a condição de porta-voz legítimo (“[não faço nada sem combinar com ele, ele está sabendo de tudo](#)” e “[me colocou como seu porta-voz para evitar falas conflituosas](#)”) e invocando ordens reciprocamente conflitantes. Na ausência do árbitro, o conflito não se resolve, apenas se administra por meio de tréguas precárias.

Em terceiro lugar, os dados desenham um triângulo assimétrico. Flávio ocupa o centro gravitacional, dado que sua candidatura domina o volume da conversa, mas o faz em posição fragilizada, já que seu maior pico de atenção corresponde ao escândalo do Banco Master e não a mobilização uniforme da militância em favor de sua candidatura.

Eduardo constitui o polo alternativo mais ativo, a ponto de comandar inclusive o debate sobre a candidatura do irmão, de modo que o “eduardismo” se define menos como movimento de massa do que como contrapeso interno de alto engajamento. Michelle, a despeito do carisma e de uma base própria de perfil feminino e evangélico, permanece periférica na rede bolsonarista, quase ausente dos temas de candidatura, condição que explicou sua aposta em uma estrutura paralela, o PL Mulher, e em um projeto de horizonte mais longo.

Em quarto lugar, o custo eleitoral do conflito incide justamente sobre a vulnerabilidade de 2026. Ao expor a fratura, o campo reativa o machismo que integra seu *ethos*. Essa reação, que rebaixa Michelle a “madrasta” ou “Michele Firmo”, dirige-se ao eleitorado feminino, decisivo na derrota de Bolsonaro naquele ano. A disputa, portanto, não é meramente familiar, já que ela corrói o próprio ativo eleitoral que Michelle representaria para a campanha.

Nesse sentido, as falas de Paulo Figueiredo questionando o voto das mulheres, acentuou o problema e o vídeo de Michelle causou rechaço, de uma só vez, nos três eleitorados mais vitais para Flávio: a) evangélicos, principal “caldeirão” de votos do bolsonarismo; b) feminino, ponto débil e principal desafio do bolsonarismo; c) eleitorado indefinido/pendular, mais decisivo numa disputa tão acirrada, chamado a decidir a eleição.

Em quinto lugar, a sucessão de 2030 já se encontra em disputa no presente. Vimos em 2026 uma situação *sui generis*. Jair não escolheu o candidato mais competitivo segundo as pesquisas, no caso, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas. Sua decisão priorizou a manutenção no clã da liderança da extrema-direita, da direita e, em definitiva, do antipetismo, antes que a vitória eleitoral.

Assim, para além do ciclo de 2026, o que efetivamente se decide agora é a titularidade da liderança do campo. Michelle projeta o Senado pelo Distrito Federal e um percurso próprio, além de tentar constituir uma “bancada michellista”, antes aninhada no PL mulher e agora em seu novo movimento “Imparáveis”. No limite, poderia abrir mão de sua candidatura, caso calcule que sua saída da disputa fosse decisiva para a derrota de Flávio. A vitória do enteado seria o pior cenário para suas pretensões políticas. Assim, tal como seu enteado, a ex-primeira-dama, antes que ser candidata e vencer as eleições, tem como objetivo evitar que o primogênito de Jair saia vitorioso.

Já Flávio e Eduardo disputam a primazia na herança sanguínea. Enquanto o sobrenome permanecer o principal ativo político de todos eles, a família seguirá simultaneamente interdependente e em conflito, na medida em que o bolsonarismo continuará a se caracterizar, como desde a origem, menos como um bloco unificado do que como uma federação instável de subculturas e ambições divergentes.

